

O esquema morfológico latino $[[X_i]\text{-arium}]_N$ e os seus desenvolvimentos em línguas românicas: uma análise cognitivo-funcional orientada pela Morfologia Construcional e pelos Mapas Semânticos

The Latin morphological scheme $[[X_i]\text{-arium}]_N$ and its developments in Romance languages: a cognitive-functional analysis guided by Construction Morphology and Semantic Maps

Natival Almeida Simões Neto*
Universidade Federal da Bahia
Universidade Estadual de Feira de Santana
Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: Este artigo analisa a construção morfológica $[[X]\text{-arium}]_N$, considerando a sua origem na língua latina e o seu desenvolvimento em sete línguas românicas, a saber: romeno, italiano, francês, catalão, espanhol, galego e português. Os dados para a análise são oriundos de dicionários monolíngues, bilíngues ou trilingues dessas línguas. As palavras coletadas foram inspecionadas quanto à sua morfologia e à sua etimologia, a fim de descartar palavras não analisáveis como relacionadas aos esquemas morfológicos selecionados. Como aportes teóricos para a análise dos dados coletados, foram escolhidos dois modelos cognitivo-funcionais: a Morfologia Construcional (Booij, 2010, 2014, 2017, 2019; Gonçalves, 2016, 2021; Simões Neto, 2017a; 2017b, 2018; 2021; Soledade, 2013, 2018, 2019; Lopes, 2021) e os Mapas Semânticos (Haspelmath, 2003; Georgakopoulos; Polis, 2018; Sánchez, 2020). Por meio da Morfologia Construcional, analisou-se o fenômeno da fragmentação semântica na construção morfológica, que está relacionado ao seu comportamento polissêmico, e propôs-se uma estrutura hierárquica com esquemas e subesquemas, como é típico nas análises orientadas por esse modelo. Uma vez identificados os esquemas e subesquemas na Morfologia Construcional, as categorias semânticas propostas foram interpretadas a partir dos Mapas Semânticos, um modelo de análise tipológica que tem servido eficientemente a trabalhos de natureza comparativa de forma geral, mesmo quando não analisa línguas tipologicamente diversas e não almeja identificar universais linguísticos, nem propor classificações baseadas em tipologia, como é o caso deste trabalho. A análise dos dados revelou três importantes constatações: (a) há uma rede morfossemântica comum ao latim e a todas as línguas analisadas, e ela inclui significados como agente profissional, agente habitual, adjetivo/qualificador, locativo, objeto recipiente e coletivo; (b) os significados de agente vegetal, objeto de uso pessoal e excesso são improdutivos ou menos produtivos em línguas como o italiano e o romeno; (c) os significados de anomalia, gentílico e atitudinal são mais produtivos nas línguas ibero-românicas.

Palavras-chave: Construções morfológicas. Derivação sufixal. Polissemia. Comparação interlinguística. Línguas românicas.

Abstract: This article analyzes the morphological construction $[[X]\text{-arium}]_N$, considering its origin in Latin and its development in seven Romance languages: Romanian, Italian, French, Catalan, Spanish, Galician, and Portuguese. The data for the analysis are derived from monolingual, bilingual, or trilingual dictionaries of these languages. The collected words were inspected for their morphology and etymology in order to discard words that could not be analyzed as related to the selected morphological schemes. Two cognitive-functional models

* Professor Assistente da Universidade Federal da Bahia. Integra o setor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFBA, atuando na área de Estudos Semânticos e Lexicais. É docente permanente do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (PPGLinC-UFBA) e do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL-UEFS). Doutor em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Rio de Janeiro E-mail: nativalneto@gmail.com.

were chosen as theoretical frameworks for the analysis of the collected data: Construction Morphology (Booij, 2010, 2014, 2017, 2019; Gonçalves, 2016, 2021; Simões Neto, 2017a; 2017b, 2018; 2021; Soledade, 2013, 2018, 2019; Lopes, 2021) and Semantic Maps (Haspelmath, 2003; Georgakopoulos; Polis, 2018; Sánchez, 2020). Through Construction Morphology, the phenomenon of semantic fragmentation in morphological construction, which is related to its polysemous behavior, was analyzed, and a hierarchical structure with schemas and subschemas was proposed, as is typical in analyses guided by this model. Once the schemas and subschemas in Constructional Morphology were identified, the proposed semantic categories were interpreted using Semantic Maps, a typological analysis model that has efficiently served comparative studies in general, even when it does not analyze typologically diverse languages and does not aim to identify linguistic universals, nor propose classifications based on typology, as is the case in this work. The data analysis revealed three important findings: (a) there is a morphosemantic network common to Latin and all the languages analyzed, and it includes meanings such as professional agent, habitual agent, adjective/qualifier, locative, container object, and collective; (b) the meanings of plant agent, object of personal use and excess are unproductive or less productive in languages such as Italian and Romanian; (c) the meanings of anomaly, gentile and attitudinal are more productive in Ibero-Romance languages.

Keywords: Morphological constructions. Suffixal derivation. Polysemy. Interlinguistic comparison. Romance languages.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, que é um recorte da tese de doutorado do autor deste artigo (Simões Neto, 2020)¹, explora-se o comportamento morfológico e semântico da construção sufixal [X_i-arium]_N², nomeadamente a sua polissemia, considerando desde a sua origem na latina até a sua inserção na România, por meio da observação de padrões construcionais que dela se desenvolveram em sete línguas românicas: (a) o romeno [X_i-ar]_N; (b) o italiano [X_i-aio]_N; (c) o francês [X_i-ier]_N; (d) o catalão [X_i-er]_N; (e); o espanhol [X_i-ero]_N; (f) o galego [X_i-eiro]_N e (g) o português [X_i-eiro]_N. Pretende-se descrever a polissemia dessas construções, a partir de dois modelos teóricos caros à Linguística Baseada no Uso (LBU): a Morfologia Construcional, como proposta por Booij (2010, 2014, 2017, 2019) e desenvolvida por Gonçalves (2016), Soledade (2013, 2018, 2019) e Simões Neto (2017a; 2017b, 2018, 2020), e os Mapas Semânticos, como propostos por Haspelmath (2003), Georgakopoulos e Polis (2018) e Sánchez (2020), em que pesem as diferenças teórico-metodológicas. Os dados para a análise são oriundos de dicionários monolíngues, bilíngues ou trilingues dessas línguas. As palavras coletadas foram inspecionadas quanto à sua morfologia e à sua etimologia, a fim de descartar palavras não analisáveis como relacionadas aos esquemas morfológicos selecionados.

O artigo se desenvolve com as seguintes seções: (a) “A polissemia nos estudos semânticos: o calcanhar de Aquiles ou o toque de Midas?”, em que se discute o lugar da

¹ A tese foi defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, na Universidade Federal da Bahia. O seu desenvolvimento contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), que concedeu uma bolsa durante toda a realização do curso de doutorado.

² A opção por se referir à construção dessa maneira se baseia na análise histórica feita por Viaro (2011), que, ao tratar da gênese do sufixo *-eiro*, considerou a sua origem latina, observando uma gama de diferentes padrões latinos ou latinizados que convergiram para um mesmo sufixo *-arium* no latim vulgar. Foi essa forma que se desenvolveu para o português *-eiro* e para os correspondentes nas demais línguas românicas. Essa posição foi adotada por Simões Neto (2018).

polissemia na Semântica, destacando-se as contribuições da Linguística Cognitiva para este debate, com menções às abordagens baseadas no item e na construção, as tendências de puxar a polissemia para cima ou para baixo, as falácias da polissemia e da monossemia e os tratamentos dados ao fenômeno na Morfologia Construcional e nos Mapas Semânticos; (b) “Comentários metodológicos: constituição de *corpus* e procedimentos de análise”, onde se explicitam as obras consultadas, os métodos de recolha e o tratamento dos dados; (c) “Primeira etapa de análise: explicitação de esquemas e instanciações” e “Segunda etapa de análise: produção de mapa semântico”, dedicadas à exploração dos dados e construção da análise; (d) Considerações finais; (e) Referências.

2 A POLISSEMIA NOS ESTUDOS SEMÂNTICOS: O CALCANHAR DE AQUILES OU O TOQUE DE MIDAS?

Entre os fenômenos mais debatidos no âmbito dos estudos semânticos, está a polissemia, chamada de *pivô* por alguns autores, como Stephen Ullmann. Por isso, o título desta seção evoca duas narrativas da mitologia grega. De um lado, a polissemia pode entendida como ‘o calcanhar de Aquiles’, porque pode ser um ponto fraco, um aspecto vulnerável nas abordagens linguísticas, que nem sempre conseguem contemplar o fenômeno satisfatoriamente. De outro lado, a polissemia pode ser vista como ‘o toque de Midas’, aquilo que faz algo prosperar: a produtividade da polissemia enseja o desenvolvimento de propostas teórico-metodológicas diversas que muito enriquecem o mercado teórico da Linguística.

Michel Bréal (1992 [1897]), nos seus *Ensaio de semântica*, dedicou uma seção do livro para tratar de ampliação e restrição de sentidos. A respeito da polissemia, tratada sob o viés da ampliação de sentidos, o autor entendia que “[o] progresso para a linguagem consiste em libertar-se sem violência de suas origens. [...] A ampliação do sentido é um fenômeno normal, que deve ter seu lugar em todos os povos cuja vida é intensa e cujo pensamento é ativo” (Bréal, 1992, p. 90). Dessa forma, Bréal, considerado aquele que estabeleceu a Semântica como disciplina dos estudos linguísticos, já assumia que a polissemia é um fenômeno fundamental para a história e funcionamento das línguas, pois é uma das vias de comprovação de que essas línguas ainda apresentam vivacidade.

Stephen Ullmann (1964), no livro *Semântica: uma introdução à ciência do significado*, menciona que a polissemia é uma característica substancial da fala humana que pode se revelar de diferentes maneiras. O autor se atém a cinco: mudanças de aplicação; especialização num meio social; linguagem figurada; homônimos reinterpretados e influência estrangeira. Para Ullmann, a polissemia é a grande protagonista dos estudos semânticos e, nesse sentido, não há do que discordar: a ampliação, o deslocamento e as relações entre significados é a haste principal desta área da Linguística, e a maneira como se olha para esse fenômeno ajuda a diferenciar as várias correntes do pensamento linguístico.

Vilela (1994), em seus *Estudos de lexicologia do português*, aborda a polissemia como um fenômeno cognitivo ou, melhor dizendo, um fenômeno de economia cognitiva. Por essa visão, é possível pensar que uma língua sem polissemia seria uma língua de

processamento pesado, pois haveria uma relação um-para-um entre a palavra e o significado. Essa linha de pensamento é também assumida por Silva (2006), no livro *O mundo dos sentidos em português*, que aborda o fenômeno da polissemia, com base nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (LC), que se insere na LBU. Conforme esse último autor em texto de 2015, na LC, o significado linguístico é:

1. dinâmico e flexível, graças à categorização por protótipos, pelo que se adapta facilmente ao contexto e se organiza em redes radiais, esquemáticas e multidimensionais;
2. enciclopédico, remetendo sempre para domínios conceptuais ou frames que vão para além da palavra; e;
3. perspectivista, revelando perspectivas alternativas de conceptualização e permitindo conceptualizar determinados conceitos em termos de outros, através da metáfora e da metonímia ou por extensão do protótipo [...]. (Silva, 2015, p. 185).

A compreensão da polissemia pelo linguista é uma das principais angústias – por assim dizer – nas abordagens do fenômeno pelas teorias da LC, e isso parece estar intimamente relacionado a modelos cognitivos idealizados de objetividade e subjetividade. Por isso, não raramente, o linguista se vê diante de duas tendências opostas. Na leitura do texto de Haspelmath (2003), é possível encontrar menções aos textos de Croft (1998) e Sandra (1998), que trataram da *falácia da generalidade* (Croft, 1998) e da *falácia da polissemia* (Sandra, 1998). Ponto pacífico é que os dois autores acreditam que os linguistas tendem a querer dizer mais do que os seus dados apontam, por isso estão vulneráveis a falácias. Na *falácia da generalidade*, os linguistas assumem que a generalização monossêmica ou extremamente esquemática seja a mesma feita pelos falantes, que ignorariam nuances de um significado polissêmico. Na *falácia da polissemia*, por outro lado, os linguistas

[...] (em particular, linguistas cognitivos) podem fazer uma multiplicidade de distinções semânticas [...] que são (explicitamente ou implicitamente) atribuídas às representações mentais dos falantes. Quando nenhuma evidência para distinguir esses sentidos é citada (além da imaginação do linguista), isso pode ser um caso da falácia da polissemia. (Haspelmath, 2003, p. 239, tradução nossa³).

Essa discussão é feita também por Silva (2006). Embora o autor não fale em termos de falácias, aponta os riscos de *puxar a polissemia para cima* ou *puxar a polissemia para baixo*. Puxar a *polissemia para cima*, segundo Silva (2006), é esticá-la, gerando um esmiuçamento que só existiria na mente do linguista e que só serve para atender a finalidades de modelos teóricos. De outro lado, *puxar a polissemia para baixo* é escondê-la, fazendo esquemas que desconsideram nuances semânticas que poderiam ser plenamente especificadas.

³ “[...] (in particular cognitive linguists) may make a multitude of sense distinctions [...] that are (explicitly or implicitly) attributed to speakers’ mental representations. When no evidence for distinguishing these senses is cited (apart from the linguist’s imagination), this may be a case of the polysemy fallacy” (Haspelmath, 2003, p. 239).

Outras contribuições da LC para o tratamento da polissemia são: (a) a descrição a partir de protótipos na rede semasiológica dos itens analisados, seguindo a compreensão de um conhecimento linguístico que se organiza radialmente e (b) a identificação da metáfora e da metonímia como mecanismos geradores de polissemia. Esses aspectos estão satisfatoriamente explorados por Silva (1999), sobre a polissemia de *deixar*, e por Santos (2011), sobre a polissemia de *tomar*.

Há em modelos teóricos inseridos na LBU, duas tendências gerais que marcam fases dos estudos cognitivo-funcionalistas da linguagem: *a abordagem baseada no item e a abordagem baseada na construção*. A *abordagem baseada no item*, de natureza atomística, embora considere o contexto global do uso linguístico, projeta a polissemia em um elemento específico, que pode ser uma palavra, um sintagma ou um morfema. É isso que se vê nos já mencionados trabalhos de Silva (1999) e Santos (2011), sobre os verbos portugueses *deixar* e *tomar*, e no trabalho de Pizzorno (2010), sobre o sufixo *-eiro*.

Na *abordagem baseada na construção*, assume-se uma perspectiva mais holística, considera-se que a polissemia não seja uma propriedade exclusiva da palavra ou do morfema, mas da sua interação com outros elementos, sugerindo que a polissemia possa estar relacionada a padrões sintáticos e morfológicos, entre outros. Assim, no trabalho de Simões Neto e Souza (2023), sobre a construção de fim/morte/falência <[ir de N]> (*ir de base*, *ir de Mesbla*, *ir de Rainha Elizabeth*), admite-se que esse padrão seja polissêmico, e essa polissemia está relacionada também ao elemento nominal que preenche a posição do *slot N*, não sendo um fenômeno exclusivo do verbo *ir*. Isso também se aplica a construções morfológicas, por exemplo, a construção $[[X]_V -vel]_A$, citada por Simões Neto (2019), pode ter significado de ‘passível de’ (*amável*, *sofrível*) ou de ‘com potencial de’ (*executável*, *inflamável*), e essa não é uma propriedade exclusiva do sufixo *-vel*, mas também do verbo com o qual interage na construção. É essa perspectiva mais holística que se adota neste artigo.

2.1 A ABORDAGEM DA POLISSEMIA PELA MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

A Morfologia Construcional (MC) é um modelo proposto pelo Geert Booij cujas primeiras publicações datam de 2005, mas a sua consolidação se dá por meio da publicação do livro *Construction Morphology* (Booij, 2010). Trata-se de um desenvolvimento da GC, em especial da GC Cognitiva, nos termos de Goldberg (1995, 2006), aplicado ao domínio da morfologia. Para a MC, então, a noção de construção como um pareamento convencionalizado entre forma e significado/função é igualmente central, e a diferença entre uma construção morfológica e uma construção sintática se dá apenas pela complexidade estrutural, logo, princípios teóricos que explicam construções sintáticas explicam construções morfológicas ou quaisquer outros tipos de construções que integrem o inventário de construções das línguas, o *constructicon*.

Outra noção igualmente fundamental para a MC é a de esquema. Nos termos de Booij (2019), “[o] esquema abstrato expressa uma generalização sobre um conjunto de palavras complexas existentes e fornece a fórmula para cunhar novas palavras desse tipo”

(Booij, 2019, p. 386, tradução nossa⁴). Esse trecho, além de explicar o entendimento do que seja um esquema no domínio da MC, aponta o seu caráter *bottom-up*, tendo como ponto de partida os usos linguísticos concretos, chamados construtos, e avançando para níveis superiores diferenciados de abstratização e esquematicidade.

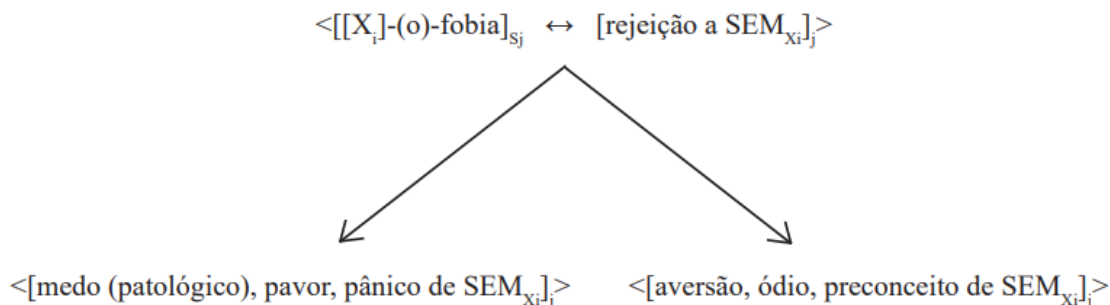
Na MC, há o reconhecimento da polissemia como um fenômeno que pode atuar em diversos padrões de formação de palavras. Sobre isso, valem os comentários de Booij *et al* (2022):

[...] recorrentemente, encontramos uma formação de palavra que pode carregar um conjunto de significados frequentemente relacionados (ex.: significados de agente e instrumento em substantivos deverbais). Isso pode ser bem expresso em MC, assumindo subesquemas para os diferentes subsignificados. Além disso, pode ser especificado que alguns desses subesquemas são mais produtivos do que outros (Booij *et al*, 2022, p. 377).

De forma mais aplicada, a polissemia em construção morfológica pode ser vista no trabalho de Simões Neto, Santos e Salvador (2022), que trabalharam com o padrão $\langle [X-(o)\text{-fobia}]_N \rangle$. Realizações como *hidrofobia*, *aerofobia*, *pirofobia*, *claustrofobia*, *agorafobia* e *zoofobia*, que descrevem algum tipo de medo, permitem a generalização por meio de um esquema como $\langle [X-(o)\text{-fobia}]_N \leftrightarrow [\text{medo patológico de algo relacionado a X}] \rangle$. Porém, realizações como *xenofobia*, *homofobia*, *lesbofobia*, *gordofobia* e *islamofobia* parecem indicar a existência de um outro significado de ódio, aversão, hostilidade, sugerindo a existência de uma generalização, que seria algo próximo de $\langle [X-(o)\text{-fobia}]_N \leftrightarrow [\text{ódio/aversão a algo relacionado a X}] \rangle$. Importa destacar a presença de aspectos recorrentes tanto semânticos quanto formais que permitem vislumbrar a existência de uma generalização ainda maior para vincular esses dois usos: há uma manutenção de um padrão formal e, do ponto de vista do significado, ambos parecem indicar algum tipo de rejeição. Há bases seguras para afirmar que o caminho de mudança tenha sido de ‘medo patológico’ > ‘ódio, aversão’. No entanto, no plano sincrônico, palavras podem ser criadas a partir de *types* diferentes dessa construção, sem que necessariamente tenha que seguir o mesmo caminho: primeiro designar um medo, e depois, um tipo de aversão. Por isso, uma representação como a da Figura 1, a seguir, é conveniente para a abordagem da polissemia na MC:

⁴ “The abstract schema expresses a generalization about a set of existing complex words, and provides the recipe for coining new words of that type” (Booij, 2019, p. 386).

Figura 1 – A construção [X-(o)-fobia]_N no português



Fonte: Simões Neto; Santos; Salvador (2022, p. 89).

Sobre a representação na Figura 1, deve-se considerar sempre que a organização da língua começa de baixo para cima, do mais concreto para o mais abstrato, do mais específico para o mais geral. Assim, foi a partir de palavras como as mencionadas no parágrafo anterior que se identificaram padrões construcionais, identificando-se similaridades e diferenças. Uma vez feitas as generalizações, há uma generalização ainda maior que permite chegar a um significado mais geral. Seguindo esse fluxo, certamente, há um padrão mais geral de composição neoclássica/morfológica que permite generalizar vários padrões do mesmo tipo. Outro aspecto a se considerar nesta abordagem é que a polissemia é da construção que integra o formativo em tela com outros elementos da língua, e não exclusivamente do item *fobia*.

2.2 A ABORDAGEM DA POLISSEMIA PELOS MAPAS SEMÂNTICOS

O método dos Mapas Semânticos, adotado neste artigo, se fundamenta na proposta de Haspelmath (2003), em texto que se inicia com uma reflexão sobre um item linguístico apresentar variados significados e usos. No seu ponto de vista, nem sempre se diferencia bem quando se trata de ‘significados diferentes’ ou de ‘usos diferentes’. Por isso, adota o termo *multifuncionalidade*, para tratar da variação tanto de sentidos (tomados como significados convencionais) quanto de usos (tomados como significados contextuais). Nesse aspecto, para Haspelmath (2003), o termo *função* se mostra mais amplo e elegante, para não entrar no mérito dessa diferença conceitual.

Segundo Haspelmath (2003), a multifuncionalidade é uma questão controversa, sobretudo quando se trata de elementos gramaticais, em especial os morfemas, o que leva o autor a detectar três diferentes posições analíticas no enfrentamento da questão: a monossêmica, a polissêmica e a homonímica. Na abordagem monossêmica, assume-se que o morfema gramatical tem um significado altamente vago e abstrato, com todas as funções distinguíveis sendo consideradas linguisticamente insignificantes, uma vez que emergiriam do contexto interacional. Nessa perspectiva, haveria um significado convencionalizado, apriorístico e vago, que deve ser listado de alguma maneira, ao passo que os significados que emergem do uso não devem ser considerados, por serem

imprevisíveis e contextuais. Não são, portanto, significados convencionais diferentes, mas diferentes usos. Na abordagem polissêmica, por outro lado, reconhece-se a existência de diferentes significados para os morfemas gramaticais, mas esses significados devem estar relacionados uns com os outros de alguma forma e precisam ser especificados, não sendo, de forma alguma, obra do acaso que diferentes significados se vinculem à mesma expressão formal. Por fim, na posição homonímica, defende-se a existência de significados totalmente separados para cada uma das funções e sugere-se que, para cada significado diferente, haja um morfema gramatical diferente.

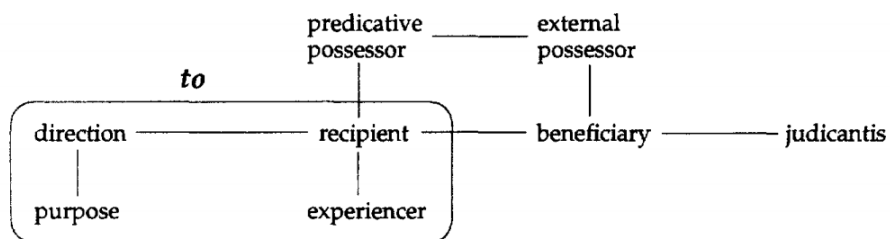
Face a esse problema, Haspelmath (2003) defende que os mapas semânticos sejam o melhor método para descrever os padrões de multifuncionalidade dos morfemas gramaticais, pois não obrigam o compromisso com uma determinada postura analítica. Independentemente de os elementos serem monossêmicos, polissêmicos ou homonímicos, os mapas são aplicáveis da mesma maneira. Embora se tenha falado do mapa semântico, até agora, não se explicou o que seria esse conceito e qual a sua real finalidade. Nesse sentido, Haspelmath (2003, p. 213, tradução nossa⁵) explica que “[u]m mapa semântico representa geometricamente [...] funções no espaço conceptual ou semântico, por meio de linhas de conexão que constituem uma rede. A configuração das funções apresentadas pelo mapa deve ser universal”.

Sobre essa introdução às ideias de Haspelmath (2003), cabem três ponderações. A primeira é que, apesar de as diferenças conceituais entre os rótulos *monosseμία*, *polisseμία* e *homonímia* serem irrelevantes para o propósito descritivo-interpretativo de um mapa semântico, as construções latino-românicas analisadas neste artigo são vistas como polissêmicas. O segundo aspecto digno de nota é que a discussão de Haspelmath (2003) se insere em uma abordagem da polissemia centrada no item, como se poderá ver a seguir. O autor fala, em muitos momentos do capítulo, acerca dos significados ou usos do morfema ou da preposição. Porém, não há qualquer entrave em aplicar o modelo a construções, como se faz neste trabalho, pois a diferença está na concepção teórico-epistemológica de como o significado se relaciona com a estrutura linguística. Por fim, a terceira observação é que os mapas semânticos constituem um modelo de análise tipológica que visa à comparação de línguas diferentes e não aparentadas, com o intuito de se identificar propriedades conceptuais universais e classificações relevantes. Esse não é um horizonte que se avista neste artigo, ainda que haja a possibilidade de serem identificados mecanismos classificatórios das línguas românicas em tela. A apropriação dos mapas semânticos, portanto, está mais no plano do objetivo prático, uma vez que a ferramenta, do ponto de vista representacional, se mostra elegante e coerente com a forma de se encarar o fenômeno da polissemia numa perspectiva inter-românica.

Um primeiro exemplo de aplicação dos mapas semânticos dado por Haspelmath (2003) coteja as funções típicas dos casos dativos em línguas em que o caso é marcado morfossintaticamente. Veja-se a Figura 2, extraída de Haspelmath (2003).

⁵ “A semantic map is a geometrical representation of functions in "conceptual/semantic space" that are linked by connecting lines and thus constitute a network. The configuration of functions shown by the map is claimed to be universal” (HASPELMATH, 2003, p. 213).

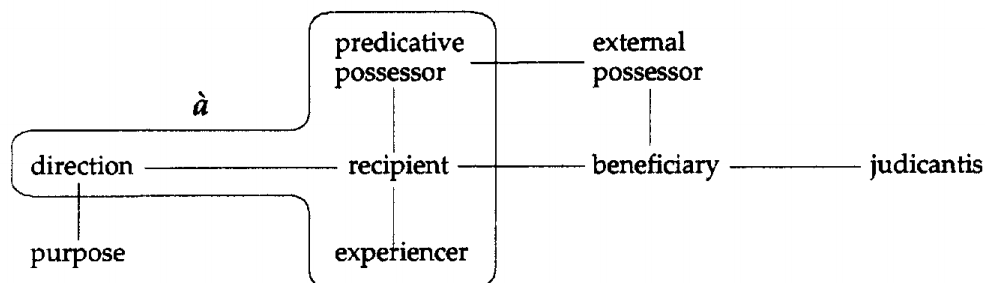
Figura 2 – Mapa semântico de funções dativas típicas / a delimitação do inglês *to*



Fonte: Haspelmath (2003, p. 213).

Na Figura 2, o mapa demarca as funções da preposição inglesa *to*, dentro de um espaço conceptual universal. Ou seja, o mapa aponta as funções típicas da construção dativa e delimita quais são desempenhadas pelo item do inglês (*direction*, *purpose*, *experiencer* e *recipient*). Os mapas semânticos, então, têm dois propósitos: (a) identificar o máximo de propriedades de um fenômeno dentro de um conjunto relevante de línguas, ou seja, tentar estabelecer o maior número de funções possíveis de um item ou construção em uma perspectiva universalista; (b) registrar o enquadramento de construções particulares dentro desse mapa conceptual mais amplo. Com o mesmo espaço conceptual da Figura 2, Haspelmath (2003) aponta as funções da preposição francesa *à* (*direction*, *predicative possessor*, *experiencer* e *recipient*), permitindo visualizar que as funções não são exatamente as mesmas do *to* inglês. Veja-se essa diferença por meio da Figura 3.

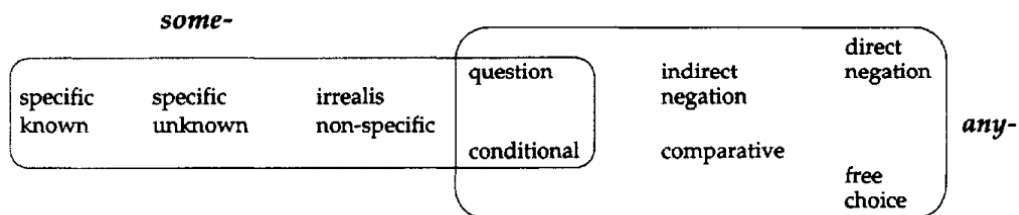
Figura 3 – Mapa semântico de funções dativas típicas / a delimitação do francês *à*



Fonte: Haspelmath (2003, p. 215).

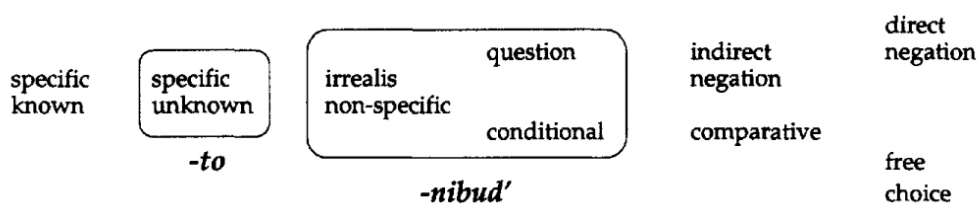
Mais adiante, Haspelmath (2003) faz outros tipos de comparação. Primeiro, com elementos gramaticais de uma mesma língua. Segundo o autor, não é incomum que diferentes morfemas gramaticais de uma mesma língua se sobreponham em sua distribuição de funções. Na Figura 4, o autor coteja os afixos indefinidores *some-* e *any-*, do inglês, ao passo que, na Figura 5, compara os sufixos indefinidores *-to* e *-nibud'* do russo.

Figura 4 – A delimitação dos indefinidores *some-* e *any-* do inglês



Fonte: Haspelmath (2003, p. 223).

Figura 5 – A delimitação dos indefinidores *-to* e *-nibud'* do russo

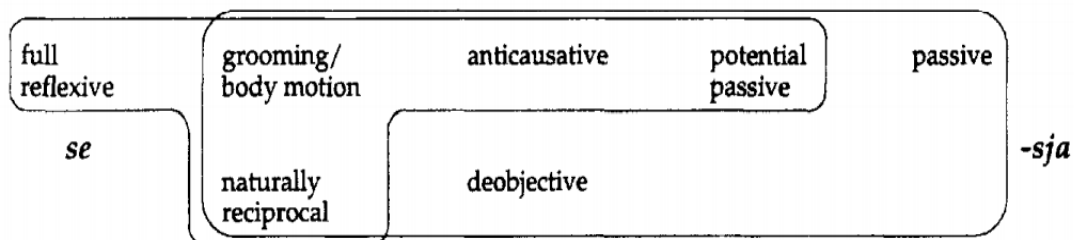


Fonte: Haspelmath (2003, p. 223).

A Figura 4 e a Figura 5 usam o mesmo mapa conceptual, reunindo funções típicas dos itens indefinidores vistas em diferentes línguas. Na Figura 4, que compara os elementos do inglês, *question* e *conditional* são funções que tanto *some-* quanto *any-* exercem. Na Figura 5, os indefinidores do russo não compartilham funções. Importa comentar que as comparações feitas nessas duas últimas figuras têm a finalidade didática de introduzir o modelo e o seu potencial. É plenamente possível, e até esperado, que essas comparações sejam feitas em um único mapa, permitindo que se identifiquem as particularidades do inglês e do russo, línguas não aparentadas. A forma de abordar e representar o mapa varia de acordo com o objetivo de cada pesquisador.

Exemplo de comparação entre elementos de línguas diferentes, dado pelo próprio Haspelmath (2003), pode ser visto na Figura 6, em que compara as funções das partículas reflexivas do francês (o *-se*) e do russo (o *-sja*).

Figura 6 – A delimitação do reflexivo francês *-se* e do russo *-sja*.



Fonte: Haspelmath (2003, p. 225).

Na Figura 6, há um mapa conceptual das funções típicas das construções reflexivas nas línguas e, nele, o russo *-sja* não apresenta a função *full reflexive*, enquanto o francês *se* não possui a função *deobjective*. Para Haspelmath (2003), “uma abordagem mais proveitosa é a construção de um mapa semântico universal no qual os tipos médios de gramática de línguas individuais ocupem uma área contígua” (Haspelmath, 2003, p. 224, tradução nossa⁶).

Na visão de Haspelmath (2003), os mapas semânticos asseguram a comparabilidade interlinguística, ajudando a detectar relações semânticas universais, a partir de descrições de realizações concretas. Assim, numa abordagem funcionalista ideal, não se admite que a análise dos significados ou funções de um morfema (ou de uma construção) opere com um espaço conceptual pré-estabelecido. Ou seja, as funções são inseridas no mapa semântico, à medida que são identificadas nas línguas. Além disso, caso uma função específica da construção/morfema seja identificada apenas em uma língua, ela deve ser adicionada ao mapa, independentemente de não ser atestada em outros sistemas linguísticos. Fazer o contrário disso violaria o caráter funcionalista da abordagem de Haspelmath. Assim, o estabelecimento de um mapa semântico se baseia em usos atestados, mesmo quando são específicos de uma língua ou grupo de línguas. A universalidade da abordagem está na representação da diversidade funcional, não em termos de propriedades obrigatórias ou previsíveis.

Um ponto negativo desta abordagem é a ausência de explicações sobre a constituição do mapa, sobre como os significados/funções devem ser dispostos. Diferentemente de abordagens que trabalham com organização hierárquica, como a abordagem construcional, ou com centros prototípicos, como alguns estudos em LC, não há nesse método uma explicação sobre como os significados se relacionam. Para fins de conclusão desta seção, retome-se trecho de Haspelmath (2003), que arremata:

Os mapas semânticos são uma poderosa ferramenta metodológica para estudos semânticos interlinguísticos e diacrônicos, mas também são altamente relevantes para a própria semântica. A semântica é difícil, porque, ao contrário da substância fonética, não pode ser medida ou observada de forma objetiva. Pelo menos no estágio atual de nosso conhecimento, é questionável se alguém poderia motivar uma estruturação do espaço semântico que seja independente da expressão linguística. (Haspelmath, 2003, p. 238, tradução nossa⁷).

⁶ “a more profitable approach is the construction of a universal semantic map on which middle-like grams of individual languages occupy a contiguous area” (Haspelmath, 2003, p. 224).

⁷ “Semantic maps are a powerful methodological tool for cross-linguistic and diachronic semantic studies, but they are also highly relevant for semantics itself. Semantics is difficult, because unlike phonetic substance, semantic substance cannot be measured or observed objectively. At least at the present stage of our knowledge, it is questionable whether one could motivate a structuring of semantic space that is independent of linguistic expression.” (Haspelmath, 2003, p. 238).

3 COMENTÁRIOS METODOLÓGICOS: CONSTITUIÇÃO DE *CORPUS* E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Como já explicitado, neste trabalho, será analisada a polissemia da construção morfológica $[[X]\text{-arium}]_N$ no latim e de suas descendentes em sete línguas românicas (romeno, italiano, francês, catalão, espanhol, galego e português). Para atingir esse objetivo, foram coletadas palavras com esses formativos em dicionários monolíngues, bilíngues e trilingues, publicados nos séculos XX e XXI. Para a seleção das obras, foram considerados os seguintes aspectos: (i) disponibilidade da obra em meios físicos ou digitais; (b) alinhamento temporal das edições, com a eleição de obras editadas nos séculos já referidos; (c) nível de informatividade das obras: obras que trouxessem informações etimológicas e/ou morfológicas das palavras foram privilegiadas e, quando não traziam essas informações, procurou-se usar fontes complementares. A coleta foi feita *verbum ad verbum* quando as obras estavam em formato físico ou em PDF, sem possibilidade de busca lexical, casos dos dicionários de latim e romeno. No entanto, na maioria dos casos, os dicionários disponíveis em meios digitais possuíam mecanismos de buscas como “encontrar palavras terminadas em”, o que permitia localizar palavras terminadas com os sufixos analisados. No Quadro 1, são apresentadas as informações gerais sobre a constituição do *corpus* de análise: (a) as línguas analisadas; (b) os esquemas morfológicos; (c) a quantidade de palavras coletadas e (d) os dicionários que serviram de fonte de dados ou que foram usados complementarmente.

Quadro 1 – Informações gerais sobre a constituição do *corpus*

Línguas	Esquemas analisados	Quantidade de palavras encontradas ⁸	Dicionários selecionados
Latim clássico	$[[X]\text{-arium}]_N$	705	Dicionário Escolar Latino-Português, de Ernesto Faria (1995) Dicionário Latim-Português, da Porto Editora (2012) Dictionnaire latin-français, de Gaffiot (1934) – Complementar ⁹
Latim medieval	$[[X]\text{-arium}]_N$	748	Mediae Latinitatis Lexicon Minus, de Jan Niermejer (1976)
Romeno	$[[X]\text{-ar}]_N$	416	Dicionário Romeno-Português, de Buescu (1977)

⁸ Deve-se considerar o fato de que uma palavra pode ser polissêmica, como *chaveiro* (objeto) e *chaveiro* (profissional). Ela é computada duas vezes no quadro de análise. Por isso, pode haver diferenças numéricas entre a quantidade de palavras analisadas e de instanciações na representação esquemática.

⁹ O Dictionnaire latin-français, de Gaffiot (2016 [1934]), é uma das principais referências, quando se trata de dicionários de latim. Foi usado para sanar eventuais dúvidas sobre os aspectos formativos e semânticos apresentados nos dicionários de Faria (1995) e Editora Porto (2012). No entanto, na comparação entre as obras, não foram identificados problemas nesse sentido nas obras tomadas como referência.

			DEXONLINE - Dicționare ale limbii române – Complementar ¹⁰
Italiano	[[X]-aio] _N	550	Lo Zingarelli 2008: Vocabolario della lingua italiana, de Zingarelli (2007)
Francês	[[X]-ier] _N	818	Le Nouveau Petit Robert 2014, de Drivaud (2013)
Catalão	[[X]-er] _N	962	Diccionari de la llengua catalana, de Institut d'Estudis Catalans (2007) Diccionari.cat - Complementar ¹¹
Espanhol	[[X]-ero] _N	2.340	Diccionario de la lengua española, da Real Academia Española (2012)
Galego	[[X]-eiro] _N	1.053	Diccionario da Real Academia Galega, da Real Academia Galega (2012) Estraviz ¹² - Complementar
Português	[[X]-eiro] _N	2.159	Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, de Houaiss e Villar (2009)

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de informações obtidas em Simões Neto (2020).

Na tese da qual este artigo deriva, para cada língua românica, foram analisadas duas construções desenvolvidas do padrão latino [[X]-arium]_N. No português, por exemplo, o [[X]-arium]_N, pela via popular, se transformou em [[X]-eiro]_N, ao passo que, pela via culta, se desenvolveu como [[X]-ário]_N. Para este artigo, foram selecionados apenas os desenvolvimentos populares, que são os expostos no Quadro 1, pois eles tendem a contemplar tanto as conservações quanto as inovações das construções românicas em relação à construção original latina. Vale mencionar que foram consideradas palavras tanto masculinas quanto femininas. Assim, quando se fala em [[X]-eiro]_N, incluem-se [[X]-eiro]_N e [[X]-eira]_N. Isso vale para todas as línguas analisadas.

Os dados coletados foram tratados conforme os ensinamentos de Soledade (2005) e Viaro (2011), que procuraram articular, em abordagens históricas da formação de palavras, as dimensões morfológica, semântica e etimológica. Dessa forma, foram consideradas para a análise: (a) palavras derivadas na própria língua; (b) palavras originadas no latim e que foram herdadas pelas línguas românicas; (c) palavras transmitidas por via inter-românica, ou seja, de uma língua românica para outra; (d) palavras criadas em línguas não românicas com formativos que tenham na sua gênese o sufixo *-arium* (por exemplo, uma palavra cuja forma etimológica tenha sido derivada com o sufixo inglês *-ary*). São descartadas palavras que tenham terminação coincidente com as dos formativos

¹⁰ O DEXONLINE - Dicționare ale limbii române é um site que reúne uma série de dicionários romenos monolíngues de várias especialidades, inclusive os etimológicos, o que ajudou na categorização de palavras analisáveis.

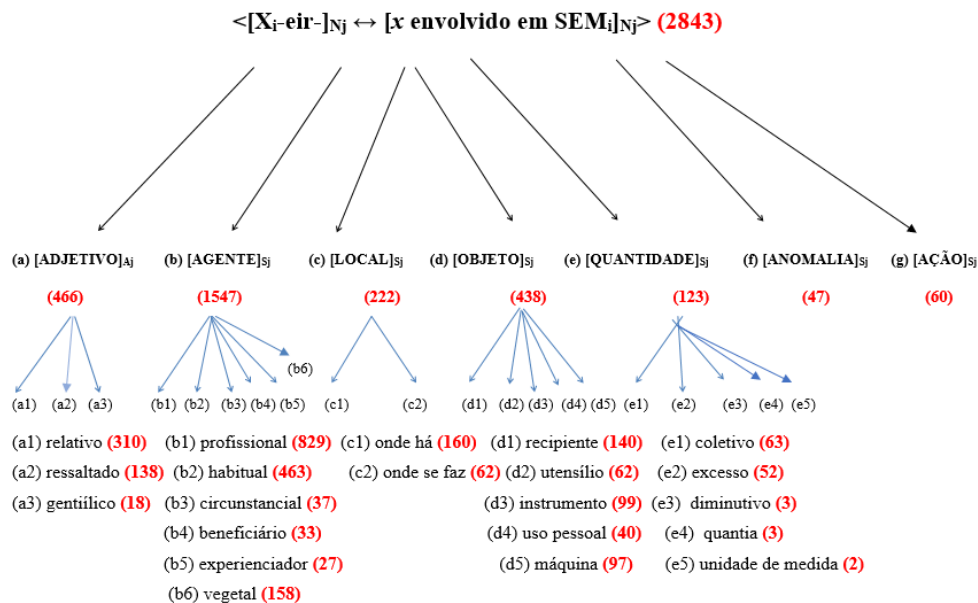
¹¹ O Diccionari.cat é um dicionário produzido pelo grupo Enciclopèdia Catalana, sendo um dos mais extensos dicionários do catalão. O grupo que produziu e atualiza esse dicionário contribui também com o Diccionari de la llengua catalana, do Institut d'Estudis Catalans, que foi utilizado como fonte de dados. O Diccionari.cat traz informações acerca de datação e étimo e, por isso, foi usado como recurso complementar.

¹² O Dicionário Estraviz traz informações acerca de etimologia, mas não traz informações acerca de datação. De todo modo, foi usado como ferramenta complementar.

analisados, mas que não são derivadas com eles. Exemplos são as formas *cadeira* e *madeira* no português. Embora tenham a terminação em /*ejra*/, que coincide com o sufixo *-eira*, não são formas derivadas com esses sufixos e têm origens não relacionadas: *cadeira* vem do grego *kathédra*, e *madeira*, do latim *materia*. As palavras consideradas foram, portanto, categorizadas morfológica e semanticamente.

Essa categorização consiste em parte do trabalho de análise de Simões Neto (2020). No entanto, ela não será reproduzida integralmente, como no trabalho original, até pelos limites de espaço deste texto. A seção de análise também não apresentará as construções e as línguas individualmente. Porém, deve ser entendido que as categorias controladas decorrem de uma análise morfológica/semântica orientada pela Morfologia Construcional. Por exemplo, veja-se a Figura 7, sobre a construção $[[X]-eiro]_N$ do português.

Figura 7 – Representação esquemática das construções X-eir- do português



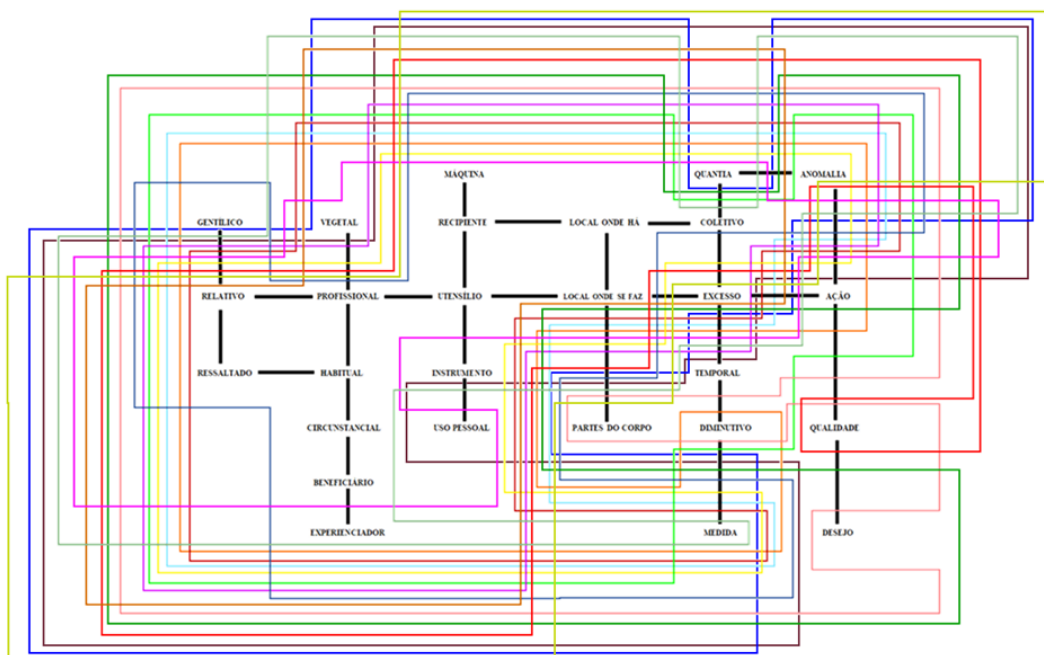
Fonte: Simões Neto, 2020, p. 597.

Na Figura 7, são identificados diversos esquemas dominantes e subesquemas, nos termos de Booij (2010). Em vermelho, estão os dados de frequência de cada *type*. Essa organização deve considerar que houve um processo de abstratização de palavras complexas existentes, como *banheiro* e *galinheiro*, que descrevem locais, mas *banheiro* é categorizado como o ‘lugar onde se faz algo’ (tomar banho), enquanto o *galinheiro* é um ‘lugar onde há alguma coisa’ (galinha). Sempre que essas diferenças foram produtivas, os esquemas morfológicos as representaram. Da mesma maneira, no esquema de agentes, há espaço para profissionais (*carteiro*, *leiteiro*, *açougueiro*), habituais (*fofoqueiro*, *baderneiro*, *peidorreiro*) e vegetais (*abacateiro*, *jaqueira*, *mangueira*). Todas essas realizações apresentam regularidades morfológicas e semânticas que permitem a abstratização de um esquema

morfológico, que, posteriormente, subirá para estágios maiores de abstração, reforçando o caráter *bottom-up* da Morfologia Construcional. Esse procedimento de análise foi aplicado a todas as construções analisadas por Simões Neto (2020), do latim às línguas românicas.

Posteriormente, os subesquemas identificados na análise orientada pela Morfologia Construcional foram dispostos em um mapa semântico que deve abordar universo conceptual relacionado à trajetória latino-românica do padrão $[[X]\text{-arium}]_N$. Foram identificados cerca de 20 significados/funções no mapa das construções analisadas. Na Figura 8, reproduz-se o mapa final da análise de Simões Neto (2020), considerando a construção latina (clássica e medieval) e os 14 desenvolvimentos (vulgares e cultos) em sete línguas românicas.

Figura 8 – Mapa semântico latino-românico da construção $[[X]\text{-arium}]_N$



	PORTUGUÊS X-EIR-: NÃO ABRANGE DESEJO, QUALIDADE, PARTE DO CORPO, TEMPORAL
	PORTUGUÊS X-ÁRI-: NÃO ABRANGE AÇÃO, DESEJO, QUALIDADE, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	LATIM MEDIEVAL: NÃO ABRANGE GENTÍLICO, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, DIMINUTIVO, PARTE DO CORPO, TEMPORAL
	LATIM CLÁSSICO : NÃO ABRANGE EXCESSO, AGENTE VEGETAL, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, DIMINUTIVO, PARTE DO CORPO, TEMPORAL
	GALEGO X-EIR-: NÃO ABRANGE DESEJO, QUALIDADE, QUANTIA, UNIDADE DE MEDIDA,
	GALEGO X-ARI-: NÃO ABRANGE DESEJO, QUALIDADE, AÇÃO, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO, MEDIDA, GENTÍLICO, VEGETAL, TEMPORAL
	ESPAÑHOL X-ARI-: NÃO ABRANGE AÇÃO, DESEJO, QUALIDADE, VEGETAL, EXCESSO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ESPAÑHOL X-ER-: NÃO ABRANGE DESEJO, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	CATALÃO X-ER-: NÃO ABRANGE QUALIDADE, QUANTIA, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	CATALÃO X-ARI-: NÃO ABRANGE AÇÃO, DESEJO, VEGETAL, EXCESSO, MEDIDA, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ROMENO X-AR-: NÃO ABRANGE ANOMALIA, MEDIDA, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ROMENO X-(!)ER-: NÃO ABRANGE ANOMALIA, MEDIDA, INSTRUMENTO, EXPERIENCIADOR, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ITALIANO X-AI-: NÃO ABRANGE USO PESSOAL, QUANTIA, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	ITALIANO X-ARI-: NÃO ABRANGE USO PESSOAL, VEGETAL, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	FRANCÊS X-IER-: NÃO ABRANGE QUANTIA, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO
	FRANCÊS X-AIRE-: NÃO ABRANGE MEDIDA, VEGETAL, EXCESSO, QUALIDADE, AÇÃO, DESEJO, GENTÍLICO, TEMPORAL, PARTE DO CORPO, DIMINUTIVO

Fonte: Simões Neto, 2020, p. 620.

O mapa da Figura 8 mostra-se ilegível/incompreensível, pois abrange uma rede extensa de significados e uma quantidade grande de construções. Esse talvez seja uma

dificuldade da aplicação do modelo de Haspelmath (2003) às construções (morfo)lexicais. Diferentemente do que acontece com construções mais gramaticais, as construções lexicais tendem a apresentar muitos deslocamentos semânticos, em que pesem a falácia da polissemia (Haspelmath, 2003) e/ou a tendência de puxar a polissemia para cima (Silva, 2006).

Visando uma melhor aplicabilidade da análise orientada pelos mapas semânticos, este artigo se centrará nos seguintes esquemas morfológicos: (i) adjetivos relacionais; (ii) agentes profissionais; (iii) agentes não profissionais; (iv) agentes vegetais; (v) locativos; (vi) objetos recipientes; (vii) coletivos ou conjuntos; (viii) anomalias e doenças; (ix) atitudinais; (x) gentílicos. A escolha desses grupos específicos se deve à sua relevância contrastiva, pois dão conta de identificar o que é compartilhado por todas as línguas românicas e o que é produtivo ou presente apenas em algumas delas. Assim, poderá haver uma representação mais elegante e eficiente do mapa semântico.

4 PRIMEIRA ETAPA DE ANÁLISE: EXPLICITAÇÃO DE ESQUEMAS E INSTANCIACÕES

Autores que já estudaram as formações com o sufixo *-arium*, tais como os supracitados Viaro (2011) e Simões Neto (2017b, 2018, 2020), apontam que, inicialmente, tratava-se de um sufixo formador de adjetivos relacionais, que eram recorrentes em estruturas como *faber ferrarius* (artesão do ferro), *servus coquinarius* (servo da cozinha) e *taberna caesaria* (taberna de queijos). Com a elipse dos termos genéricos *faber*, *servus* e *taberna*, que davam a ideia de agente e de lugar, a própria construção $[[X]-arium]_N$ passou a engendrar essa noção. É por meio desse processo de elipse, de base metonímica, que a rede semasiológica da construção começa a se ampliar. Tendo em vista o caráter adjetivador da construção sufixal em sua origem, começa-se a análise por esse grupo semântico.

4.1 ADJETIVOS RELACIONAIS

Os adjetivos relacionais foram bastante produtivos no latim clássico. Embora adjetivo não se refira a uma categoria semântica, mas morfossintática, o seu tratamento com o rótulo ‘adjetivo relacional’ se deve ao fato de o significado relacional aparecer somente em adjetivos, a despeito de a maioria das palavras formadas pelo sufixo observado neste artigo ser substantivos. Reconhece-se a possibilidade de essa categoria poder ser chamada de ‘qualificadores’, caso se queira destacar apenas o seu aspecto semântico.

O significado dessa categoria é igual ou próximo de ‘relativo a’, como se vê em *aleariūs* ‘relativo aos jogos de azar’, *dentariūs* ‘relativo aos dentes’, *ficariūs* ‘relativo ao figo’, *gallinariūs* ‘relativo à galinha ou ao galinheiro’, *lactariūs* ‘relativo ao leite’, *mellariūs* ‘relativo ao mel’ e *testamentariūs* ‘relativo aos testamentos’. Em alguns casos, os adjetivos relacionais exibem um nível maior de semantismo, mas nunca perdem a relação com o substantivo

que serviu de base. São os casos de *joculārius* ‘divertido, risível’, *nefārius* ‘nefasto, abominável, criminoso’ *patinārius* ‘comilão’ e *sanguinārius* ‘sanguinário’.

No latim medieval, foram encontradas realizações como: *ancillarius* ‘relativo a um empregado ou a uma empregada’, *balistarius* ‘relativo às armas de disparo’, *bladiarius* ‘relativo ao trigo’, *braciaris* ‘relativo à cerveja’, *candelarius* ‘relativo às velas’, *forestarius* ‘relativo à campanha em oposição às cidades’, *gemmarius* ‘relativo às pedras preciosas’ e *immunitarius* ‘relativo ao privilégio de imunidade’.

Com o romeno [[X]-ar]_N, foram encontrados muitos adjetivos relacionais com o descendente *-ar*, sendo alguns herdados do latim e outros criações da própria língua. Entre os exemplos, estão: *agrar* ‘agrário’, *alimentar* ‘alimentar’, *autoritar* ‘autoritário’, *bugetar* ‘orçamental’, *culinar* ‘culinário’, *deficitar* ‘deficitário’, *dentar* ‘dentário’, *fugar* ‘fugidio’, *funerar* ‘funerário’, *inelar* ‘anelar’, *judiciar* ‘judiciário’, *staționar* ‘estacionário’, *unghiular* ‘angular’, *valutar* ‘valioso’ e *zuliar* ‘ciumento’.

Com o italiano [[X]-aio]_N, não foram encontradas tantas formações de adjetivos com *-aio* como no romeno, mas a categoria morfossemântica existe nessa língua, e palavras foram criadas com esse significado. Entre as realizações do italiano, estão: *bottegaio* ‘interesseiro’, *ceraio* ‘que produz cera’, *donnaio* ‘mulherengo’, *fecciaio* ‘relativo à sujeira’, *fienai* ‘relativo ao feno’, *lattaio* ‘que produz muito leite’, *lombricaio* ‘relativo às lombrigas’, *massaio* ‘idoso, velho’, *melaio* ‘de mel’, *ovaio* ‘que produz muitos ovos’, *pantofolaio* ‘preguiçoso’, *pellicciaio* ‘da pele’, *pretaio* ‘clerical’, *quattrinaio* ‘muito rico em dinheiro, ganancioso’ e *tavernaio* ‘relativo à taberna’.

O francês [[X]-ier]_N apresentou *animalier* ‘que se refere aos animais’, *aventurier* ‘aventuroso’, *avocassier* ‘que diz respeito aos advogados’, *bananier* ‘relativo a bananas’, *charbonnier* ‘que se refere ao carvão’, *cotonnier* ‘que diz respeito ao algodão’, *grossier* ‘grosseiro, rudimentar, de má qualidade’, *jardinier* ‘relativo aos jardins’, *laitier* ‘relativo ao leite’, *mulassier* ‘que se refere às mulas’, *perlier* ‘que diz respeito às pérolas’, *princier* ‘digno de um príncipe, luxuoso, suntuoso’, *putassier* ‘relativo às prostitutas’, *rancunier* ‘rancoroso’, *savonnier* ‘relativo ao sabão’, *sucrier* ‘relativo ao açúcar’ e *usinier* ‘que diz respeito às usinas’.

Com o catalão [[X]-er]_N, alguns dos dados encontrados foram: *abeller* ‘relativo às abelhas’, *agrer* ‘que é bom para colheita’, *amiguer* ‘amigável’, *arrosser* ‘relativo ao arroz’, *bacallaner* ‘relativo ao bacalhau’, *bracer* ‘habilidoso’, *camiser* ‘relativo às camisas’, *cotxer* ‘relativo aos carros’, *draper* ‘relativo aos trapos de pano’, *escaroler* ‘semelhante a uma escarola’, *esglesier* ‘relativo à igreja’, *faroner* ‘exibido, chamativo’, *financer* ‘relativo às finanças’, *foguer* ‘relativo ao fogo’, *geganter* ‘relativo aos gigantes’, *gelater* ‘relativo aos sorvetes’, *guixer* ‘relativo ao gesso’, *grosser* ‘grosseiro’ e *jardiner* ‘relativo ao jardim’.

Com o espanhol [[X]-ero]_N, foram vistos os seguintes adjetivos: *aceitero* ‘relativo ao azeite’, *aduanero* ‘relativo à alfândega’, *agenciero* ‘agencioso, diligente’, *alcoholero* ‘referente ao álcool’, *bananero* ‘relativo à banana’, *buitrero* ‘relativo ao abutre’, *cabaretero* ‘relativo ao cabaré’, *callejero* ‘relativo à rua’, *charanguero* ‘trapalhão’, *chiclero* ‘relativo ao chiclete’, *chinchorrero* ‘impertinente’, *cirquero* ‘circense’, *colchonero* ‘relativo aos colchões’, *faldero* ‘relativo à saia’, *friolero* ‘frioento’, *futbolero* ‘relativo ao futebol’, *iguanoero* ‘relativo à iguana’, *jaulero* ‘relativo à jaula’, *lastimero* ‘lamentável’, *limonero* ‘relativo ao limão’, *mantequero* ‘relativo à manteiga’, *perlero* ‘relativo às pérolas’, *placentero* ‘agradável, gentil’, *populachero* ‘relativo à massa popular’, *ranchero*

‘relativo ao rancho’, *rodillero* ‘relativo ao joelho’, *saetero* ‘relativo à seta’, *salitrero* ‘relativo ao salitre’, *tabaquero* ‘relativo ao tabaco’, *tanguero* ‘relativo ao tango’, *vaquero* ‘relativo ao gado bovino’ e *yeseo* ‘relativo ao gesso’.

Com o galego [[X]-eiro]_N, foram encontrados: *aceiteiro* ‘relativo ao azeite’, *arrabaldeiro* ‘relativo ao subúrbio’, *arroceiro* ‘relativo ao arroz’, *arteiro* ‘astuto’, *baleeiro* ‘relativo às baleias’, *bananeiro* ‘relativo à banana’, *cabreiro* ‘relativo às cabras’, *cabriteiro* ‘relativo aos cabritos’, *fariñeiro* ‘relativo à farinha’, *fartureiro* ‘farturento’, *financeiro* ‘relativo às finanças’, *hoteleiro* ‘relativo aos hotéis’, *navieiro* ‘relativo aos navios’, *ostreiro* ‘relativo às ostras’, *petroleiro* ‘relativo ao petróleo’, *reguiceiro* ‘preguiçoso’, *queixeiro* ‘relativo ao queijo’, *raposeiro* ‘astucioso’, *riseiro* ‘risonho’, *tabaqueiro* ‘relativo ao tabaco’, *xamoneiro* ‘relativo ao presunto’ e *xeseiro* ‘relativo ao gesso’.

Por último, com o português [[X]-eiro]_N, encontraram-se: *aceiro* ‘forte, resistente’, *açucareiro* ‘relativo ao açúcar ou à cana-de-açúcar’, *baceiro* ‘relativo ao baço’, *camiseiro* ‘relativo a camisas’, *esterqueiro* ‘sujo, emporcalhado’, *hoteleiro* ‘relativo a hotel’, *linguageiro* ‘relativo à linguagem’, *macaqueiro* ‘relativo a macaco’, *miudeiro* ‘detalhista’, *nadegueiro* ‘próprio das nádegas’, *papeleiro* ‘referente a papel’, *recadeiro* ‘relativo a recado’, *taberneiro* ‘relativo a tabernas’, *vareiro* ‘alto e fino’ e *viageiro* ‘relativo a viagens’.

4.2 AGENTES PROFISSIONAIS

Os agentes profissionais constituem o *type* mais conhecido da construção [[X]-arium]_N e de suas descendentes, certamente o seu uso/significado prototípico. Caracterizam algum tipo de ofício, profissão ou ocupação. As bases das formações costumam ser o objeto pelo qual o profissional se responsabiliza ou o local em que ele executa o seu trabalho. Exemplos do latim clássico foram: *aquārius* ‘escravo que transportava água’, *aviārius* ‘aquele que cria aves’, *bibliothēcārius* ‘bibliotecário’, *columbārius* ‘o que cuida do pombal’, *focārīa* ‘cozinheira’, *monētārīus* ‘operário que fabricava as moedas do Estado’, *porcinārius* ‘salsicheiro’, *unguentārīus* ‘perfumista’ e *vāsculārīus* ‘fabricante de vasos’.

No latim medieval, foram encontrados: *advocariū* ‘advogado’, *bancariū* ‘tesoureiro de uma universidade’, *caballariū* ‘servo encarregado de serviços de transporte de correio ou cavalo’, *exactionariū* ‘cobrador de impostos’, *fornicariā* ‘prostituta’, *gardinariū* ‘jardineiro’, *hospitalariū* (guardião do hospital do mosteiro) e *januariū* ‘porteiro’.

Entre os profissionais com [[X]-ar]_N no romeno, foram vistos: *acar* ‘fabricante de agulhas’, *berar* ‘cervejeiro’, *caldărar* ‘caldeireiro’, *fierar* ‘ferreiro’, *gradinar* ‘jardineiro’, *lemnar* ‘carpinteiro, lenhador’, *meșteșugar* ‘artífice, artesão’, *săpunar* ‘saboieiro’, *tezaurar* ‘tesoureiro’ e *umbrelar* ‘fabricante de sombrinhas e guarda-chuvas’. Já no italiano, entre os exemplos com [[X]-aio]_N, foram identificados: *acquavitaio* ‘fabricante de bebidas destiladas’, *bambinaia* ‘cuidadora de crianças’, *caciaio* ‘produtor de queijo’, *farinaio* ‘produtor de farinha’, *gelataio* ‘sorveteiro’, *notaio* ‘notário público’, *ombrellaio* ‘fabricante de guarda-chuvas’, *pantalonaio* ‘fabricante de calças’, *tartufaio* ‘vendedor de trufas’ e *uccellaio* ‘criador de pássaros’.

Com o [[X]-ier]_N do francês, alguns dos profissionais identificados foram: *ambulancier* ‘enfermeiro que trabalha em uma ambulância’, *barbier* ‘barbeiro’, *betteravier* ‘produtor de beterrabas’, *cordonnier* ‘fabricante ou vendedor de calçados’, *étalier*

‘açougueiro’, *geôlier* ‘carcereiro’, *glacier* ‘sorveteiro’, *huilier* ‘fabricante ou vendedor de óleo’, *joaillier* ‘joalheiro’, *muletier* ‘condutor de mulas’, *plombier* ‘bombeiro, encanador’, *savetier* ‘sapateiro’, *scaphandrier* ‘escafandrista’, *sommelier* ‘escanção’, *teinturier* ‘tintureiro’ e *vinaigrier* ‘quem produz ou vende vinagre’.

A construção [[X]-er]_N, do catalão, apareceu em profissionais, como: *abeller* ‘apicultor’, *adroguer* ‘vendedor de remédios’, *argenter* ‘artesão que faz e vende objetos de prata’, *arper* ‘fabricante de harpas’, *arrosser* ‘produtor ou vendedor de arroz’, *bescuiter* ‘biscoiteiro’, *caixer* ‘operador de caixa’, *cigarrer* ‘fabricante ou vendedor de cigarros’, *confiturer* ‘fabricante ou vendedor de geleias’, *enginyer* ‘engenheiro’, *escarceller* ‘carcereiro’, *ferrer* ‘ferreiro’, *ganiveter* ‘cuteleiro’, *gelater* ‘sorveteiro’, *infermer* ‘enfermeiro’, *jardiner* ‘jardineiro’, *joier* ‘joalheiro’, *llagoster* ‘pescador de lagostas’ e *partera* ‘parteira’.

Com o espanhol [[X]-ero]_N, apareceram: *abaniquero* ‘pessoa que faz ou vende leques’, *abejero* ‘apicultor’, *aduanero* ‘pessoa que trabalha na alfândega’, *archivero* ‘arquivista’, *barbero* ‘barbeiro’, *botijero* ‘pessoa que faz ou vende frascos e jarros’, *cigarrero* ‘pessoa que faz ou vende cigarros’, *cocinero* ‘cozinheiro’, *florero* ‘florista’, *gallinero* ‘pessoa que cria e vende galinhas’, *herrero* ‘ferreiro’, *lechero* ‘leiteiro’, *plomero* ‘pessoa que fabrica ou vende objetos de chumbo’, *relojero* ‘relojeiro’, *tesorero* ‘tesoureiro’ e *zapatero* ‘sapateiro’.

Entre as realizações de profissionais, com o galego [[X]-eiro]_N, apareceram: *aceiteiro* ‘pessoa que fabrica ou vende azeite’, *arquivoiro* ‘arquivista’, *becerreiro* ‘pessoa que cria e vende bezeros’, *burreiro* ‘criador e vendedor de burros’, *carniceiro* ‘açougueiro’, *cervexeiro* ‘fabricante e vendedor de cervejas’, *enxeñeiro* ‘pessoa que exerce a engenharia’, *manteigueiro* ‘fabricante ou vendedor de manteiga’, *neneiro* ‘cuidador de crianças’, *queixeiro* ‘quem faz ou vende queijos’, *sombreiroiro* ‘fabricante ou vendedor de sombreiros’, *tapeceiro* ‘quem faz ou vende tapetes’, *xaboeiro* ‘pessoa que faz ou vende sabões’ e *xardineiro* ‘pessoa que trabalha com jardinagem’.

No português, alguns dados foram: *abelheiro* ‘apicultor’, *aborteiro* ‘médico que realiza aborto’, *bengaleiro* ‘fabricante de bengalas’, *boiadeiro* ‘guardador de boiadas’, *doceiro* ‘quem faz ou vende doces’, *garrafeiro* ‘fabricante de garrafas’, *latrineiro* ‘responsável pela manutenção de latrinas’, *paletozeiro* ‘alfaiate especializado em paletós’, *sardineiro* ‘pescador de sardinha’, *tijoleiro* ‘fabricante de tijolos’ e *zebueiro* ‘aquele que cria ou negocia gado zebu’.

4.3 AGENTES HUMANOS NÃO PROFISSIONAIS

Os agentes humanos não profissionais, em geral, dizem respeito àqueles que se denominam com base em hábitos ou circunstâncias: aquele que frequentemente faz algo, aquele que gosta muito de algo, aquele que faz algo em determinada situação. As bases dessas formações podem ser tanto abstratas, podendo se referir às ações que são feitas com frequência, como concretas, referindo-se normalmente aos objetos do desejo intensificado. Dados vistos no latim clássico foram: *admissarius* ‘garanhão, homem lascivo’, *carnarius* ‘aquele que come muita carne’, *glabaria* ‘mulher que gostava de escravos imberbes’, *micarius* ‘homem que vive de migalhas’ e *mulierarius* ‘mulherengo’. No latim medieval, alguns exemplos foram: *elemosynarius* ‘aquele que dá esmolas’, *fornicarius* ‘adúltero, viciado na devassidão’, *indulgentiarius* ‘vendedor de indulgências’, *quaestunarius*

‘pedinte de esmolos’, *somniarius* ‘decifrador de sonhos’, *sortiarius* ‘sorteiro’ e *tempestarius* ‘aquele que prevê o tempo’.

No romeno, agentes não profissionais vistos com *-ar* foram: *armăsar* ‘garanhão’, *bojogar* ‘ladrão’, *celibatar* ‘celibatário’, *colivar* ‘indivíduo que está em todos os enterros’, *ghesefitar* ‘que é dado a intrigas’, *nădrăgar* ‘peralta’ e *ștregar* ‘vadio, vagabundo’. Com o italiano *-aio*, apareceram: *buongustaio* ‘pessoa com gosto refinado’, *burattinaio* ‘pessoa manipuladora’, *fagiolaio* ‘quem ama comer feijão’, *gentildonnaio* ‘cortejador de mulheres das mais altas linhagens’, *guerrafondaio* ‘aquele que defende a guerra com veemência’, *linguaio* ‘gramatiquero’, *novellaio* ‘fofoqueiro’, *pallonaio* ‘quem conta muita mentira’, *pastasciuttaio* ‘quem ama muito as massas’ e *polentaio* ‘quem come muita polenta’.

O francês *-ier* apareceu em muitas formações de agentes não profissionais, dentre as quais estão: *anecdotier* ‘pessoa que gosta de ouvir anedotas’, *cancanier* ‘fofoqueiro’, *chicanier* ‘pessoa que cria confusão por tudo’, *droitier* ‘sectário de políticas de direita’, *épistolier* ‘pessoa que escreve muitas cartas’, *négrier* ‘pessoa que trata seus empregados como escravos’, *ordurier* ‘quem escreve ou diz coisas obscenas’ e *sorcier* ‘adivinhador’. Com o catalão *-er*, exemplos vistos foram: *aiguardenter* ‘pessoa que bebe muita aguardente’, *animaler* ‘pessoa que gosta muito de animais’, *armer* ‘pessoa que coleciona armas’, *arrosser* ‘pessoa que gosta muito de arroz’, *bagasser* ‘pessoa que frequenta prostíbulos’, *beguder* ‘pessoa viciada em beber’, *bugader* ‘fofoqueiro’, *cafeter* ‘pessoa que bebe muito café’, *canaller* ‘pessoa que gosta muito de crianças’ e *homenera* ‘mulher que procura os homens para prazer ou diversão’.

Com o espanhol *-ero*, há muitos exemplos de agentes habituais, dentre os quais: *alborotero* ‘encrenqueiro’, *bagrero* ‘homem que gosta de mulheres muito feias’, *boquillero* ‘charlatão’, *brujeiro* ‘pessoa que pratica bruxaria’, *callejero* ‘quem gosta de ficar vagando pelas ruas’, *chaquetero* ‘bajulador, que muda de opinião facilmente’, *cumplimentero* ‘pessoa que faz cumprimentos demais’, *gatero* ‘pessoa que ama gatos’, *iglesiero* ‘pessoa que frequenta muito a igreja’ e *tamagasero* ‘pessoa que se estende demais em seus escritos’.

O *-eiro*, tanto no galego quanto no português, se mostrou bastante produtivo nessa subcategoria de agentes. Do galego, alguns exemplos foram: *artimañeiro* ‘pessoa que faz artimanhas’, *baballoeiro* ‘charlatão’, *barulleiro* ‘pessoa que faz muito barulho’, *cagalleiro* ‘pessoa que defeca com muita frequência’, *chaqueteiro* ‘pessoa que muda de opinião facilmente’, *festexeiro* ‘pessoa que gosta de festejar’, *marioleiro* ‘fofoqueiro’, *menteiroiro* ‘quem mente muito’, *moceiro* ‘pessoa que gosta de andar com jovens’, *negreiro* ‘pessoa que lida cruelmente com os seus subordinados’, *peideiro* ‘pessoa que peida com muita frequência’, *putañeiro* ‘homem que frequenta os prostíbulos’ e *xaropeiro* ‘pessoa viciada em xaropes ou bebidas adocicadas’. Entre os exemplos do português, estiveram: *altareiro* ‘beato’, *arapuqueiro* ‘indivíduo que faz arapucas’, *bagunceiro* ‘pessoa que faz bagunça’, *barulheiro* ‘barulhento’, *cambalacheiro* ‘pessoa que faz cambalachos’, *fuxiqueiro* ‘pessoa que faz fuxicos’, *maconheiro* ‘viciado em maconha’, *palpiteiro* ‘pessoa que dá palpite em tudo’, *peidorreiro* ‘pessoa que peida muito’ e *teatreiro* ‘pessoa que aprecia muito o teatro’.

4.4 AGENTES VEGETAIS

Os agentes vegetais dizem respeito às árvores, plantas, ervas e matas que são formadas com o sufixo *-arium* e seus descendentes. Acredita-se que esse significado tenha se estendido metaforicamente das categorias de agentes humanos. Os casos prototípicos desse grupo são de árvores frutíferas, mas há muitos casos que destoam. No latim clássico, não foi visto nenhum exemplo desse grupo. No latim medieval, no entanto, aparecem alguns casos, como *ceresarius* ‘cerejeira’, *mespilarius* ‘nespereira’, *morarius* ‘amoreira’, *nucarius* ‘nogueira’, *nuclearius* ‘nogueira’, *olivarius* ‘oliveira’, *palmarius* ‘palmeira’, *persicarius* ‘pessegueiro’, *pirarius* ‘pereira’ e *pomarius* ‘macieira’. A realização desse significado tanto no latim medieval quanto em línguas românicas pode sugerir uma origem vulgar desse significado.

No romeno, foram vistos os seguintes exemplos: *aguridar* ‘videira infértil; vinha selvagem’, *cocăzar* ‘roseira infértil, que não produz frutos’ e *tufar* ‘arbusto’. Cabe destacar sobre esses exemplos o caráter genérico do significado ‘arbusto’ em *tufar* e o uso do qualificador ‘infértil’ nos significados. Trata-se, portanto, de vegetais que não conseguem produzir flores ou frutos, o que escapa ao protótipo dessa categoria. Com o italiano *-aio*, foram encontradas as seguintes realizações: *ficaia* ‘figueira’, *garafonaia* ‘erva-benta’, *gattaia* ‘erva-do-gato’, *lupaia* ‘acônito, mata-lobos’, *rosaio* ‘arbusto de rosas’ e *saponaia* ‘erva-saboeira’. Assim como no romeno, não há produtividade desse significado no italiano. Essas formas, quando não são arcaísmos morfossemânticos, como *ficaia* e *rosaio*, são formas transmitidas pelo latim científico, cujos significados fogem ao protótipo visto no latim medieval.

O francês *-ier*, diferentemente do romeno e do italiano, aparece em muitas designações de vegetais. Alguns exemplos vistos foram: *amandier* ‘amendoeira’, *anacardier* ‘cajuzeiro’, *avocatier* ‘abacateiro’, *bananier* ‘bananeira’, *bergamotier* ‘tangerineira’, *cerisier* ‘cerejeira’, *citronnier* ‘limoeiro’, *cocotier* ‘coqueiro’, *févier* ‘feijoeiro’, *figuier* ‘figueira’, *framboisier* ‘framboeseira’, *jaquier* ‘jaqueira’, *manguier* ‘mangueira’, *néflier* ‘nespereira’, *olivier* ‘oliveira’, *poivrier* ‘pimenteira’, *pommier* ‘macieira’ e *tamarinier* ‘tamarineiro’.

Com o catalão *-er*, a designação de vegetais também se mostrou produtiva, aparecendo em exemplos como: *albercoquer* ‘damasqueiro’, *alberginiera* ‘planta que produz berinjela’, *atzeroler* ‘planta que produz acerola’, *bananer* ‘bananeira’, *cacauer* ‘cacaueiro’, *castanyer* ‘castanheira’, *cirerer* ‘cerejeira’, *fraguera* ‘morangueiro’, *guaiaber* ‘goiabeira’, *llimonera* ‘limoeiro’, *melonera* ‘meloeiro’, *patatera* ‘batateiro’ e *tomatera* ‘tomateiro’.

O espanhol, ainda que disponha de outras estratégias morfológicas para a formação de nomes de árvores frutíferas e vegetais afins, apresentou produtividade desse grupo semântico com o sufixo *-ero*. Alguns exemplos foram: *albaricoquero* ‘damasqueiro’, *alcachofero* ‘árvore que dá alcachofra’, *calabacera* ‘planta que produz abóbora’, *chayotera* ‘chuchuzeiro’, *cocotero* ‘coqueiro’, *higuera* ‘figueira’, *jazminero* ‘jasmineiro’, *naranjero* ‘laranjeira’, *noguera* ‘nogueira’, *papayero* ‘mamozeiro’, *pimentero* ‘pimenteira’ e *tomatera* ‘tomateiro’.

Entre os vegetais com o galego *-eiro*, encontraram-se: *abeleira* ‘árvore que produz avelã’, *ameixeira* ‘árvore que produz ameixa’, *bananeira* ‘árvore que produz bananas’, *bergamoteira* ‘árvore que produz bergamotas’, *ceboleira* ‘planta que produz cebola’,

framboeseiro ‘planta que produz framboesa’, *maceira* ‘planta que produz maçã’, *mangueira* ‘planta que produz manga’, *nogueira* ‘planta que produz nozes’, *oliveira* ‘planta que produz oliva’, *pementeira* ‘planta que produz a pimenta’ e *uveira* ‘planta que produz uva’.

O português, por fim, como ressaltaram Simões Neto e Viaro (2021), foi a língua românica mais produtiva na criação de palavras com esse significado a partir da construção com o sufixo *-eiro*. Exemplos encontrados foram: *abacateiro* ‘planta que produz abacate’, *açaizeiro* ‘planta que produz açaí’, *bananeira* ‘planta que produz bananas’, *cajazeira* ‘planta que produz cajá’, *goiabeira* ‘planta que produz goiaba’, *guaranaizeiro* ‘planta que produz guaraná’, *jiloeiro* ‘planta que produz jiló’, *meloeiro* ‘planta que produz melão’, *morangueiro* ‘planta que produz morango’, *romãzeira* ‘planta que produz romã’, *tamareira* ‘planta que produz tâmara’ e *umbuzeiro* ‘planta que produz umbu’.

4.5 LOCATIVOS

O grupo dos locativos diz respeito às designações de lugares onde se guarda, produz, cria, planta ou vende alguma coisa que, geralmente, é expressa pela base da formação. Há casos também de lugares onde se executa uma determinação ação. No latim clássico, exemplos foram: *aquarium* ‘reservatório de água’, *cochlearium* ‘viveiro de caracóis’, *columbarium* ‘pombal’, *custodiarium* ‘guarita’, *ficaria* ‘figueiral’, *gallinarium* ‘galinheiro’, *libraria* ‘livraria’, *spolarium* ‘lugar onde se despojavam os gladiadores mortos’ e *valetudinarium* ‘lugar onde se cuida de doentes’. No medieval: *argentaria* (mina de prata), *beccaria* (açougue), *carbonaria* (carvoaria), *carnarium* (cemitério), *granarium* (celeiro), *humularium* (campo de lúpulos), *judearia* (bairro de judeus), *lavandarium* (lavanderia), *minarium* (terra onde há minerais), *nucaria* (pomar de nozes) e *panetaria* (padaria).

Com o romeno *-ar*, alguns exemplos desse grupo semântico foram: *balnear* ‘balneário’, *coșar* ‘celeiro de milho’, *orșar* ‘celeiro de cevada’, *porumbar* ‘pombal’, *sanctuar* ‘santuário’ e *vestiar* ‘vestiário’. Com o italiano *-aio*, alguns dados foram: *acetaia* ‘local onde se prepara o vinagre’, *bambusaia* ‘bambuzal’, *burraia* ‘local onde se prepara a manteiga’, *caciaia* ‘lugar onde se prepara o queijo’, *cavolaio* ‘terreno repleto de repolhos’, *farinaio* ‘lugar onde se conserva farinha’, *formicaio* ‘formigueiro’, *gallinaio* ‘galinheiro’, *grillaia* ‘toca de grilos’, *legnaia* ‘depósito de lenha’, *orticaio* ‘lugar cheio de urtigas’, *pulciaio* ‘lugar cheio de pulgas’, *ranocchiaia* ‘lugar cheio de rãs’ e *serpaio* ‘lugar cheio de cobras’.

Alguns exemplos do francês *-ier* para esse grupo foram: *anguillère* ‘viveiro de enguias’, *artichautière* ‘campo de alcachofras’, *atelier* ‘lugar onde artesãos trabalham’, *cacaoyère* ‘campo de cacau’, *escargotière* ‘viveiro de caracóis’, *grainier* ‘armazém de grãos’, *merdier* ‘lugar cheio de excrementos’, *oignonnière* ‘plantação de cebolas’, *pissotière* ‘edifício onde os homens urinam’, *poivrière* ‘campo de pimentas’, *rizière* ‘arrozal’ e *tréflière* ‘campo de trevos’.

Entre os dados vistos no catalão *-er*, estão: *abeller* ‘ninho de abelhas’, *alumera* ‘lugar onde há alume’, *anguilera* ‘viveiro de enguias’, *baconera* ‘curral de porcos’, *boletera* ‘lugar cheio de cogumelos’, *carner* ‘local onde os mortos estão enterrados’, *colomer* ‘pombal’, *coniller* ‘viveiro de coelhos’, *formiguer* ‘formigueiro’, *nevera* ‘local onde se guarda ou se conserva neve’, *salnitrrera* ‘local onde há salitre’ e *torbera* ‘depósito de turfas’.

O espanhol *-ero* apareceu na designação de locativos como: *abejera* ‘apiário’, *alacranero* ‘lugar onde há muitos escorpiões’, *archivero* ‘lugar onde são guardados os arquivos’, *canariera* ‘viveiro de canários’, *casajera* ‘lugar onde há muito cascalho’, *conejera* ‘toca de coelhos selvagens’, *harinero* ‘lugar onde se guarda a farinha’, *ladronera* ‘lugar onde os ladrões se escondem’, *lagartera* ‘toca de lagartos’, *osero* ‘lugar do cemitério onde se guardam os ossos’, *perrera* ‘canil’, *rosalera* ‘roseiral’ e *toallero* ‘lugar onde se guardam as toalhas’.

Com o *-eiro* do galego, alguns exemplos encontrados foram: *areeiro* ‘lugar onde há areia’, *avespeiro* ‘ninho de vespas’, *capoeira* ‘viveiro de capões’, *carballeira* ‘plantação de carvalhos’, *cobreiro* ‘lugar onde abundam cobras’, *curuxeira* ‘toca de corujas’, *esterqueira* ‘lugar onde há esterco’, *grileira* ‘toca de grilos’, *mosqueiro* ‘lugar com muitas moscas’, *pataqueiro* ‘campo de batatas’, *uveira* ‘plantação de videiras’, *xceira* ‘cavidade onde acumula gelo’, *xurreira* ‘lugar onde há jorro de água’ e *zapateiro* ‘lugar onde se guardam sapatos’.

Com o *-eiro* do português, locativos encontrados foram: *abelheira* ‘ninho de abelhas’, *aguardenteiro* ‘engenho onde se produz aguardente’, *aranheiro* ‘toca de aranhas’, *arrozeira* ‘arrozal’, *banheiro* ‘cômodo da casa onde se toma banho’, *celeiro* ‘depósito de cereais’, *escoveira* ‘lugar para guardar escovas’, *esterqueira* ‘local onde se deposita o esterco’, *lagarteira* ‘toca de lagartos’, *ostreira* ‘viveiro de ostras’, *palheiro* ‘depósito de palha’, *pulgueiro* ‘lugar infestado de pulgas’ e *vespeiro* ‘ninho de vespas’.

4.6 OBJETOS

Os objetos formados com o sufixo *-arius* e os seus descendentes, em geral, têm funções de guardar X, operar sobre X ou proteger X, em que X é a base da formação. Nesse último caso de proteção, não raramente, aparecem objetos que adornam ou protegem determinadas partes do corpo. Exemplos vistos no latim clássico foram: *ātramentārium* ‘tinteiro’, *caldāria* ‘caldeira, estufa’, *carnārium* ‘gancho para suspender a carne’, *collārūm* ‘coleira’, *graphiārūm* ‘estoujo para guardar estiletos’, *ōrārūm* ‘pano para a boca’ e *vinārūm* ‘vasilha para vinho’. Do latim medieval, alguns exemplos foram: *aquarius* ‘vaso de água’, *arenarius* ‘ampulheta’, *caldaria* ‘caldeira’, *eleemosynarium* ‘bolsa para esmolas’, *ocularium* ‘viseira de um capacete’, *panarium* ‘cesto de pão’, *pulletarius* ‘gaiola’ e *salarium* ‘saleiro’.

Alguns dos objetos com o sufixo *-ar*, no romeno, foram: *acar* ‘estoujo para agulhas’, *cenusar* ‘cinzeiro’, *degetar* ‘dedal’, *lampadar* ‘lâmpadário’, *pieptar* ‘peitilho’ e *ziar* ‘jornal’. Com o italiano *-aio*, foram vistos: *braciaio* ‘braseiro’, *brocciaio* ‘ferramenta para fazer furos e ampliá-los’, *calamaio* ‘tinteiro’, *carbonaia* ‘máquina para transportar carvão’, *ceneraio* ‘cinzeiro’, *linaio* ‘rede de pesca feita de linho’, entre outros.

Entre os dados do francês *-ier*, apareceram: *aiguère* ‘jarra para água’, *beurrier* ‘manteigueira’, *bonbonnière* ‘pequena caixa com doces’, *bouquetière* ‘vaso para flores’, *brasière* ‘braseiro’, *cedrier* ‘cinzeiro’, *chocolatière* ‘chocolateira’, *collier* ‘coleira, colar’, *coudière* ‘cotoveleira esportiva’, *épauière* ‘ombreira de uma armadura’, *jambière* ‘joelheira’, *panetière* ‘recipiente para pães’, *pilulier* ‘pequena caixa onde se guardam remédios e pílulas’, *saladier* ‘saladeira’, *salière* ‘saleiro’, *tabatière* ‘tabaqueira’ e *théière* ‘chaleira’.

O catalão *-er* apresentou, entre outros, os seguintes exemplos: *aguller* ‘estoujo para agulhas’, *alcofollera* ‘vaso para álcool’, *balsamera* ‘pote para bálsamo’, *bigotera* ‘tira usada para

proteger o bigode’, *canellera* ‘caneleira’, *ceñdrer* ‘cinzeiro’, *cigarrera* ‘caixa para cigarros’, *colzera* ‘cotoveleira’, *confiturer* ‘recipiente para geleia’, *cuixera* ‘parte da armadura que protege as coxas’, *culera* ‘remendo que se costura na região das nádegas’, *esponger* ‘sacola para esponjas’, *fariner* ‘farinheira’, *florera* ‘vaso para flores’, *formatgera* ‘queijeira’, *genollera* ‘joelheira’, *gorgera* ‘peça da armadura que protege a gorja’, *polvorera* ‘caixa para pólvora’, *sabonera* ‘saboneteira’, *suçrera* ‘açucareiro’ e *tabaquera* ‘caixa para o tabaco’.

Algumas dos casos de objetos com *-ero* no espanhol foram: *aceitero* ‘recipiente para o azeite’, *alcuzcucero* ‘cuscuzeiro’, *cañillera* ‘caneleira da armadura’, *cigarrera* ‘caixa para cigarros’, *culero* ‘cúeiro’, *fichero* ‘caixa para as fichas’, *florero* ‘vaso para flores’, *harinero* ‘farinheira’, *buevera* ‘recipiente para ovos’, *licorera* ‘vasilha para o licor’, *pastillero* ‘caixa para pílulas’, *quesera* ‘queijeira’, *rodillera* ‘joelheira’, *rosariera* ‘estojo para o rosário’, *sobaquera* ‘tecido que se coloca nas axilas’ e *tobillera* ‘tornozeleira’.

No galego, o *-eiro* foi visto nas designações de objetos como estes: *azucreiro* ‘recipiente para açúcar’, *calcañeira* ‘parte do calçado que protege o calcanhar’, *caneleira* ‘peça que protege as canelas’, *cebadeira* ‘recipiente para cevada’, *cinseiro* ‘recipiente para cinzas’, *floreiro* ‘vaso para flores’, *lapiseiro* ‘estojo para lápis’, *licoreira* ‘garrafa para licor’, *moedeiro* ‘bolsa para moedas’, *ombreira* ‘peça que protege os ombros’, *orelleira* ‘peça para cobrir as orelhas’, *pulseira* ‘adorno usado na região do pulso’, *teteiro* ‘peça feminina para proteger os seios’ e *xaboeira* ‘saboneteira’ etc.

O *-eiro* do português, por último, foi visto na designação dos seguintes objetos: *açucareiro* ‘recipiente para açúcar’, *alfineteira* ‘recipiente para alfinetes’, *azeitaneira* ‘vasilha para azeitonas’, *caneleira* ‘parte das antigas armaduras de proteção da perna, entre o joelho e o pé’, *chapeleira* ‘caixa para guardar chapéus’, *coleira* ‘nas antigas armaduras, resguardo de couro para o pescoço’, *dedaleira* ‘estojo para guardar dedais’, *joelheira* ‘parte da armadura que defendia o joelho’, *lancheira* ‘maleta de mão usada para levar lanche’, *ombreira* ‘parte de uma indumentária que se aplica sobre os ombros’, *pãozeira* ‘recipiente para pão’, *pimenteiro* ‘recipiente para pimenta’ e *pulseira* ‘joia ou adorno para os pulsos’.

4.7 COLETIVOS OU CONJUNTOS

O grupo de coletivos e conjuntos normalmente designa a reunião, a compilação ou concentração de algo que é expresso pela base. Esse significado tem uma relação contígua com os locativos e recipientes, pois esses se referem aos lugares onde esses conjuntos tendem a se concentrar. Apresentam também uma relação com os significados de excessos/acúmulos, que não são abordados neste trabalho, e de anomalias/doenças, de que se trata na próxima subseção.

No latim, a ideia de coletivo podia ser veiculada apenas pelo sufixo *-arius*, normalmente na forma singular *-arium*, ou pela combinação desse sufixo com o plural nominal, que gera a forma *-aria*, homógrafa ao feminino singular. Alguns dados encontrados no latim clássico foram: *acētāria* ‘legumes temperados com vinagre, salada’, *aerārīum* ‘erário, tesouro público’, *bellāria* ‘guloseimas’, *oviarīa* ‘rebanho’ e *speculārīa* ‘conjunto de vidros ou vidraças’. No latim medieval, foram vistos: *abecedarium* ‘abecedário’, *egredarium* ‘escadaria’, *glossarium* ‘coleção de glosas’, *herbarium* ‘herbário’, *judearia*

‘aglomerado de judeus’, *legendarius* ‘coleção de biografias e lendas de santos’, *troparium* ‘tropol’ e *vaccaria* ‘rebanho’.

No romeno, foram vistos: *abecedar* ‘abecedário’, *chestionar* ‘questionário’, *glosar* ‘glossário’, *mobiliar* ‘mobiliário’, *vispear* ‘vespeiro’, *vocabular* ‘vocabulário’ etc. No italiano, encontraram-se: *carnaio* ‘reunião de cadáveres’, *gattaio* ‘conjunto de gatos’, *ladronaia* ‘conjunto de ladrões’, *lucchiolaio* ‘conjunto de vaga-lumes’, *polipaio* ‘colônia de pólipos’, *rosaio* ‘reunião de roseiras’, *uccellaia* ‘conjunto de pássaros’ e *vecchiaia* ‘reunião de idosos’.

Alguns dos coletivos com *-ier*, no francês, foram: *chansonnier* ‘cancioneiro’, *chartrier* ‘conjunto de cartas’, *clavier* ‘conjunto de chaves’, *dentier* ‘conjunto de dentes de uma máquina’, *échelier* ‘conjunto de escadas’, *fablier* ‘conjunto de fábulas’, *fichier* ‘conjunto de fichas’, *herbier* ‘herbário’, *médailier* ‘conjunto de medalhas’, *onglier* ‘conjunto de instrumentos usados para as unhas’. Com o catalão *-er*, detectaram-se: *abeller* ‘enxame de abelhas’, *alguer* ‘comunidade de algas’, *cabellera* ‘cabeleira’, *cançoner* ‘cancioneiro’, *carter* ‘pilha de cartas de um jogo’, *crinera* ‘conjuntos de pelos longos de um animal’, *crostera* ‘conjunto de crostas de uma ferida’, *ossera* ‘ossada’ e *pelussera* ‘conjunto de pelos’.

O espanhol *-ero* apareceu nestes coletivos: *alacranero* ‘conjunto de escorpiões’, *animalero* ‘conjunto de animais’, *cabellera* ‘cabeleira’, *cucarachero* ‘conjunto de baratas’, *gallinero* ‘galinheiro’, *hormiguero* ‘formigueiro’, *mazorquera* ‘conjunto de espigas de milhos’, *mosquero* ‘conjunto de moscas’, *mosquitero* ‘conjunto de mosquitos’ e *piojera* ‘conjunto de piolhos’.

O *-eiro* do galego, na construção designadora de conjuntos, apareceu em: *cabeleira* ‘conjunto de cabelos da cabeça’, *cancioneiro* ‘conjunto de canções’, *gancheira* ‘conjunto de ganchos usados para pendurar a carne’, *ouriceira* ‘conjunto de ouriços’, *raiceira* ‘conjunto de raízes’, *refraneiro* ‘coleção de refrões’, *romanceiro* ‘conjunto de romances’ e *vidreira* ‘conjunto de vidros’ etc. O uso coletivo de *-eiro* no português, por sua vez, foi visto em: *cabroeira* ‘conjunto de capangas’, *epistoleiro* ‘coleção de epístolas’, *femeiro* ‘reunião de meretrizes’, *garrafeira* ‘coleção de garrafas’, *mealheiro* ‘conjunto de moedas’, *naipeira* ‘conjunto de cartas do mesmo naipe’, *ramalheira* ‘conjunto de ramas’, *silveira* ‘aglomerado de silvas’ e *tainheira* ‘cardume de tainhas’ etc.

4.8 ANOMALIAS OU DOENÇAS

O grupo de anomalias ou doenças está relacionado a designações populares de enfermidades ou estados anormais de saúde física ou mental. As bases dessas formações tanto podem ser as partes do corpo atingidas pela doença ou quaisquer outros elementos que se associem metafórica ou metonimicamente à anomalia. Esse grupo semântico foi estudado por Rainer (2016), que destacou, entre outras coisas, a produtividade do significado no espanhol e no português.

No latim clássico, o único caso visto foi *capāria* ‘tumor na virilha’. A base dessa formação é *capa* ‘cebola’. Não se sabe se a base é tomada metaforicamente, pela semelhança da forma, ou metonimicamente, por alguma relação contígua com a cebola. No latim medieval, foi encontrado o exemplo *quartanarius* ‘febre quartã’, que é “febre intermitente que se repete no quarto dia, deixando dois dias de intervalo entre os episódios” (Houaiss; Villar, 2009). Nesse caso, a base é tomada metonimicamente.

Não foram encontrados exemplos desse grupo semântico no romeno e no francês. No italiano, foi encontrado apenas *occhiaia* ‘olheira’. Com o catalão *-er*, foram vistos: *arester* ‘doença dos cavalos que consiste em uma ferida sob a língua produzida pelas pontas de gramíneos’, *boquera* ‘fissura labial’, *borratxera* ‘embriaguez’, *ceguera* ‘cegueira’, *ranera* ‘ruídos anormais continuados, devido à obstrução do trato respiratório inferior’, *raspera* ‘irritação na garganta que dá sensação de arranhão’, *ronquera* ‘afeção da laringe que causa uma voz rouca’, *salivera* ‘salivação espumosa e abundante’, *tossera* ‘tosse forte e abundante’ e *unglera* ‘unheiro’.

No espanhol, entre outros exemplos, destacaram-se: *bacera* ‘doença que ataca o baço dos animais’, *bocera* ‘escoriação que aparece no canto da boca’, *boquera* ‘ulceração na boca de animais’, *ceguera* ‘privação total da visão’, *codillera* ‘tumor que os cavalos têm no codilho’, *culero* ‘tumor que nasce no cóccix dos canários e pintassilgos’, *dentera* ‘sensibilidade nos dentes e gengivas’, *friera* ‘frieira’, *gagüera* ‘gagueira’, *papera* ‘inflamação na parótida’, *rodillera* ‘ferida no joelho dos cavalos’, *sordera* ‘perda da audição’ e *uñero* ‘ferida na raiz da unha’.

O *-eiro*, no galego, foi visto na designação das seguintes doenças: *angadeira* ‘salivação excessiva’, *beceira* ‘fissura que se forma nos lábios por causa do frio’, *boqueira* ‘ferida que aparece no canto dos lábios’, *cegueira* ‘perda da visão’, *coxeira* ‘problema físico que faz a pessoa claudicar’, *denteira* ‘sensação desagradável que dá nos dentes’, *derreeira* ‘dor nos quadris’, *peeira* ‘ulceração entre as unhas que ocorre em gados bovinos e equinos’, *pulmoeira* ‘doença pulmonar’, *uñeiro* ‘inflamação na raiz da unha’, *xordeira* ‘perda total da audição’ etc.

Por último, o *-eiro* do português foi detectado nas seguintes designações relativas a anomalias e doenças: *caganeira* ‘evacuação frequente, diarreia’, *cegueira* ‘privação da visão’, *codilheira* ‘tumor no codilho’, *figadeira* ‘enfermidade no fígado de animais’, *frieira* ‘inflamação cutânea causada pela exposição do organismo ao frio’, *olheira* ‘círculo escuro ao redor ou debaixo dos olhos’, *papeira* ‘caxumba’, *sovaqueira* ‘ferida provocada pela cincha no sovaco do cavalo’, *umbigueira* ‘bicheira no umbigo de bezerros recém-nascidos’ e *unheiro* ‘infecção na pele que rodeia a unha’.

4.9 ATTUDINAIS

O significado atitudinal diz respeito às formações que trazem a ideia de uma ação reiterada que se estende continuamente. Muitas vezes, as formações encontradas partem de um tema participial verbal, mas há casos que partem de substantivos abstratos que denotam uma ação ou atividade. Esse significado não foi visto no latim, no romeno, no italiano e no francês, ficando restrito às línguas românicas que se desenvolveram no território da Península Ibérica.

Os exemplos encontrados no catalão foram: *bullidera* ‘ação de ferver, agitação’, *roncadera* ‘ação de roncar excessivamente’, *xiuladera* ‘ação de apitar forte e insistentemente’ e *xiuxinadera* ‘ação de fazer barulho’. O espanhol, por sua vez, é muito mais produtivo que o catalão, apresentando, entre outros exemplos, os seguintes casos: *agachadera* ‘ação de agachar-se reiteradamente’, *batidero* ‘ação de bater continuamente em alguém ou algo’, *capeadera* ‘ação de faltar aula continuamente’, *escandalera* ‘ato de fazer escândalo’, *gritadera* ‘gritaria’, *habladera* ‘ação de falar muito’, *jodedera* ‘ação de irritar alguém’, *lloradera* ‘ação de

chorar muito’, *orinadera* ‘ação de urinar repetidamente’, *paridera* ‘ação de parir’, *ruidero* ‘ruído intenso e repetido’ e *viajadera* ‘ação de viajar continuamente’.

No galego, o *-eiro* atitudinal foi visto em casos como: *apalpadeira* ‘ação de apalpar’, *asneira* ‘ação ou dito estúpido’, *bafareira* ‘baforada’, *bebedeira* ‘ação de beber muito’, *brincadeira* ‘ação de brincar’, *carreira* ‘ação de correr’, *molleira* ‘ação de se molhar ou molhar algo’, *parideira* ‘ação de parir do gado’, *sementeira* ‘ação de semear’, *toleira* ‘ação descontrolada’ e *tremedeira* ‘ação de tremer’. O *-eiro* atitudinal do português, por fim, foi visto em dados como: *bebedeira* ‘ação de beber muito’, *brincadeira* ‘ato ou efeito de brincar’, *chiadeira* ‘reclamação, queixa reiterada’, *choradeira* ‘ação de chorar muito’, *debocheira* ‘zombaria desmedida’, *ladroeira* ‘ladroagem, exploração, extorsão contínua’, *lambuzeira* ‘ação de lambuzar-se demasiadamente’, *pingadeira* ‘ato de pingar’, *rangedeira* ‘ação de ranger’ e *suadeira* ‘ato de suar abundantemente’.

4.10 GENTÍLICOS

Os gentílicos podem ser entendidos como um espécime dos adjetivos relacionais. As formações encontradas neste trabalho partem, na maioria dos casos, de um topônimo, indicando proveniência, naturalidade ou localização. Em alguns poucos dados, a base é uma designação metafórica ou metonímica que remete a uma determinada localidade. Tal como aconteceu com o grupo semântico anterior, este grupo só apareceu com as línguas que se desenvolveram em solo ibérico.

Com o catalão *-er*, alguns exemplos foram: *alaguaser* ‘natural de Alaquàs’, *borrianer* ‘natural de Burriana’, *brasiler* ‘natural do Brasil’, *burjassoter* ‘natural de Burjassot’, *castelloner* ‘natural de Castellón de la Ribera’, *cirater* ‘natural de Cirat’, *felanitxer* ‘natural de Felanitx’, *formenterer* ‘natural de Formentera’ e *inquer* ‘natural de Inca’.

O espanhol *-ero* apareceu em dados como estes: *baenero* ‘natural de Baena’, *barahonero* ‘natural de Barahona’, *brasileiro* ‘natural do Brasil’, *canalero* ‘natural do Canal do Panamá’, *carracero* ‘natural de Alcarraz’, *cartagenero* ‘natural de Cartagena’, *cienfueguero* ‘natural de Cienfuegos’, *guantanamero* ‘natural de Guantánamo’, *habanero* ‘natural de Havana’, *malvinero* ‘natural das Ilhas Malvinas’, *sanducero* ‘natural de Paisandu’, *santacruzero* ‘natural de Santa Cruz de Tenerife’, *santiaguero* ‘natural de Santiago’ e *valdepeñero* ‘natural de Valdepeñas’.

O *-eiro* do galego foi encontrado em gentílicos como estes: *betanceiro* ‘natural de Betanzos’, *brasileiro* ‘natural do Brasil’, *habaneiro* ‘natural de Havana’, *palmeiro* ‘natural da Ilha da Palma’, *rianxeiro* ‘natural de Rianxo’, *sampauleiro* ‘natural de São Paulo’, *santiagoueiro* ‘natural de Santiago, de Cuba’ e *xalleiro* ‘natural da Comarca do Xallas’.

Por último, o *-eiro* do português, com valor gentílico, foi encontrado em: *brasileiro* ‘natural do Brasil’, *campineiro* ‘natural de Campinas-SP’, *catingueiro* ‘natural da região da caatinga’, *chapadeiro* ‘natural de regiões de chapadas’, *iporangueiro* ‘natural de Iporanga-SP’, *jacarezzeiro* ‘natural de Jacaré dos Homens-AL’, *malaqueiro* ‘natural da Malaca’, *mateiro* ‘natural da Zona da Mata’, *mineiro* ‘natural de Minas Gerais’, *pantaneiro* ‘natural do Pantanal mato-grossense’, *paraizeiro* ‘natural do Pará’, *piauizeiro* ‘natural do Piauí’, *santiagoueiro* ‘natural de Santiago, capital do Chile’ e *suleiro* ‘natural da região do Sul do Brasil’. Vale destacar que a maioria dos gentílicos atestados no Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa reflete

designações a partir de localidades brasileiras. Entretanto, há esse uso também em Portugal, como se pode ver nas seguintes realizações¹³, que não integraram o *corpus* analisado neste trabalho: *berlengueiro* ‘natural de Berlengas’, *calvoeiro* ‘natural de Calvão’, *cartaxeiro* ‘natural de Cartaxo’, *fanzeiro/fangueiro* ‘natural de Fão’, *frieleiro* ‘natural de Frielas’, *matosinheiro* ‘natural de Matosinhos’, *monchiqueiro* ‘natural de Monchique’, *nadadoreiro* ‘natural de Nadadouro’, *penicheiro* ‘natural de Peniche’ e *valvargueiro* ‘natural de Vale de Vargo’.

5 SEGUNDA ETAPA DE ANÁLISE: PRODUÇÃO DE MAPA SEMÂNTICO

Para a elaboração de um mapa semântico inter-românico adequado, é preciso, num primeiro momento, que sejam excluídas as informações relativas ao latim, pois é inviável compará-lo com as suas descendentes, colocando-os no mesmo nível. Para a generalização final, entretanto, devem ser avaliadas questões de conservação e inovação nas línguas românicas. Como dito anteriormente, na seção de metodologia, este artigo considera apenas os desenvolvimentos populares, desconsiderando-se os desenvolvimentos cultos medievais, pois, além de apresentarem, majoritariamente, formas herdadas do latim, não alcançam a língua romena, que não apresenta esse tipo de correspondente. A observação dos dados que serviram de base a este artigo permitiu chegar ao Quadro 2, a seguir, que faz uma síntese das categorias semânticas e a sua presença nas línguas românicas.

Quadro 2 – Síntese das categorias relevantes e as línguas produtivas

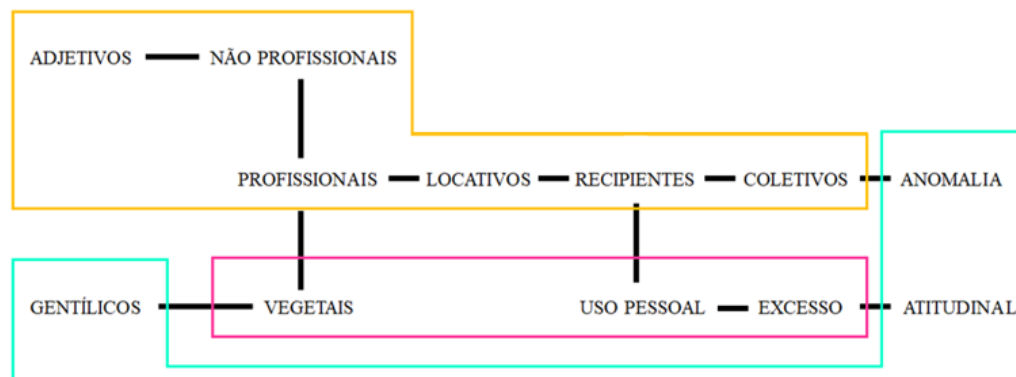
Categorias semânticas	Línguas românicas						
	Romeno	Italiano	Francês	Catalão	Espanhol	Galego	Português
Adjetivos	X	X	X	X	X	X	X
Gentílicos				X	X	X	X
Profissionais	X	X	X	X	X	X	X
Não profissionais	X	X	X	X	X	X	X
Vegetais			X	X	X	X	X
Locativos	X	X	X	X	X	X	X
Recipientes	X	X	X	X	X	X	X
Objetos de uso pessoal			X	X	X	X	X
Coletivos	X	X	X	X	X	X	X
Excesso			X	X	X	X	X
Anomalias				X	X	X	X
Atitudinais				X	X	X	X

Fonte: Simões Neto, 2020, p. 640.

¹³ Dados extraídos do artigo Lista de gentílicos de Portugal, na Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_gent%C3%ADlicos_de_Portugal. Acesso em: 06 dez 2025.

Na Figura 9, a seguir, constrói-se um mapa semântico baseado nas informações apresentadas no Quadro 2.

Figura 9 – Mapa semântico inter-românico de $[[X]-arium]_N$.



Fonte: Simões Neto, 2020, p. 641.

O mapa semântico da Figura 9, baseado nas informações do Quadro 2, leva a três generalizações:

- 1) em laranja, há uma rede semântica fixa e básica que alcança a todas as línguas românicas e inclui as categorias de ADJETIVOS, PROFISSIONAIS, NÃO PROFISSIONAIS, LOCATIVOS, RECIPIENTES, UTENSÍLIOS e COLETIVOS. Todos esses significados estão no latim e devem estar, certamente, em outras línguas românicas.
- 2) em rosa, há uma rede semântica específica e produtiva que abrange o francês, o catalão, o espanhol, o galego e o português, línguas românicas incontestavelmente ocidentais, e inclui as categorias de VEGETAIS, OBJETOS DE USO PESSOAL e EXCESSO;
- 3) em azul, há uma rede específica e produtiva que caracteriza as línguas românicas desenvolvidas na Península Ibérica, ou seja, catalão, espanhol, galego e português, abrangendo as categorias semânticas de GENTÍLICOS, ANOMALIAS e ATTUDINAIS.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisou-se o comportamento morfológico e semântico da construção latina $[[X]-arium]_N$ e dos seus desenvolvimentos em sete línguas românicas (romeno, italiano, francês, catalão, espanhol, galego e português), a partir da Morfologia Construcional e dos Mapas Semânticos, modelos funcionalistas que se mostraram

bastante eficientes para o tratamento da polissemia das construções. Destaca-se também a complementaridade dos modelos, considerando o propósito do artigo.

A análise dos dados neste artigo sugere que o italiano [[X]-aio]_N teve um comportamento mais próximo do romeno [[X]-ar]_N. Outro ponto é que o catalão [[X]-er]_N se mostrou mais próximo do espanhol [[X]-ero]_N, do galego [[X]-eiro]_N e do português [[X]-eiro]_N, pois as categorias de GENTÍLICOS, ANOMALIAS e ATTUDINAIS são produtivas em catalão, espanhol, galego e português, mas não no francês [[X]-ier]_N.

REFERÊNCIAS

- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In GISBORNE, Nikolas; HIPPISEY, Andrew (Ed). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 18-39.
- BOOIJ, G. Language use and the architecture of grammar: a Construction Morphology perspective. *Suvremena Lingvistika/Contemporary Linguistics*, Zagreb, v. 40, p. 193-212.
- BOOIJ, G. The role of schemas in Construction Morphology. *Word Structure*, v. 12, n. 3, p. 385-395, 2019.
- BOOIJ, G. et al. Entrevista com Geert Booij. In: SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A.; SIMÕES NETO, N. A. (Orgs). *Morfologia construcional: avanços em língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 371-400.
- BRÉAL, M. *Ensaio de Semântica: ciência das significações*. Tradução de Aída Ferras *et al*. São Paulo: EDUC & Pontes, 1992.
- BUESCU, V. *Dicionário romeno-português*. Porto: Editora Porto, 1977.
- CROFT, W. Linguistic evidence and mental representations. *Cognitive Linguistics*. v.9, n.2, p.151-173, 1998.
- DRIVAUD, M-H. (Org.). *Le Nouveau Petit Robert De La Langue Francaise 2014*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2013.
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 6. ed. 6. tir. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. Rio de Janeiro: FAE, 1994.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Nouvelle édition revue et augmentée, dite Gaffiot 2016. Paris: Hachette, 2016.
- GEORGAKOPOULOS, T.; POLIS, S. The semantic map model: State of the art and future avenues for linguistic research. *Lang Linguist Compass*, v. 12, p. e12270, 2018.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

HASPELMATH, M. The geometry of grammatical meaning: Semantic maps and cross-linguistic comparison. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language*. v. 2. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2003, p. 211-242.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUT D'ESTUDIS CATALANS. *Diccionari de la llengua catalana*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2007.

LOPES, M. S. Por uma morfologia histórico-construcional: primeiras reflexões. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 22, p. 237-265, 2021.

NIERMEYER, J. F. *Midiae Latinatis Lexicon Minus*. Leiden: E.J. Brill, 1976.

PIZZORNO, D. A. *Polissemia da construção x-eiro: uma abordagem cognitivista*. 2010. 115p. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2010.

PORTO EDITORA. *Dicionário Latim-português*. 4 ed. Porto: Editora Porto, 2012.

RAINER, F. El origen de los nombres de calidad en -era del tipo ceguera. *Revue de Linguistique Romane*, tomo 80, p. 399-426, 2016.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 2012.

REAL ACADEMIA GALEGA. *Diccionario da Real Academia Galega*. A Coruña: Real Academia Galega, 2012.

SÁNCHEZ, A. R. Las relaciones semánticas en la sufijación del español. *Revista de Filología*, n. 40, pp. 247-273, 2020.

SANTOS, E. S. dos. *A polissemia do verbo "tomar" ao longo da história da língua portuguesa: um estudo à luz da linguística cognitiva*. 2011. 292 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2011.

SILVA, A. S. da. *A Semântica de Deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999.

SILVA, A. S. da. Léxico, cognição e contexto: saliência, conceptualização situada e evidência quantitativa. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos; SOLEDADE, Juliana. *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 185-216.

SILVA, A. S. da. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SIMÕES NETO, N. A. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. *Domínios de língu@agem, Uberlândia*, v. 11, p. 468-501, 2017a.

SIMÕES NETO, N. A. *O esquema X-ari- do latim às línguas românicas: um estudo comparativo, cognitivo e construcional*. 2020. 5 v. 4297 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SIMÕES NETO, N. A. O padrão [[X]_N de Taubaté]_N no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 265-290, 2019.

SIMÕES NETO, N. A. Os esquemas X-ari em perspectiva histórica e construcionista: do latim clássico ao latim medieval. *Estudos linguísticos e literários*, v. 61, p. 49-69, 2018.

SIMÕES NETO, N. A. *Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. 655 p. 2 tomos. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SIMÕES NETO, N. A. Uma aplicação da Morfologia Construcional para a língua latina: o caso das construções X-ariu. *Linguística y Literatura, Antioquia*, v. 38, p. 30-53, 2017b.

SIMÕES NETO, N. A.; SOUZA, D. S. A Americanas foi de Mesbla, a Netflix vai de Blockbuster e eu quase fui de Olavo de Carvalho: a construção de fim/morte/falência com o padrão <[IR DE N]> no português brasileiro contemporâneo. *Solettras*, Rio de Janeiro, v. 45, p. 39-67, 2023.

SIMÕES NETO, N. A.; VIARO, M. E. Investigação histórica do sufixo *-eir-* na nomeação de vegetais em língua portuguesa. *Studia Universitatis Babeş-Bolyai Philologia*, v. 4, p. 127-146, 2021.

SIMÕES NETO, N.A.; SANTOS, A. V.; SALVADOR, I. L. Compostos com fobia: um estudo construcional em perspectiva histórica. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 71-91, 2022.

SOLEDADE, J. A morfologia histórica e a morfologia construcional: encontros e desencontros. In: SANTOS, Elisângela Santana; ALMEIDA, Ariadne Domingues; SIMÕES NETO, Natival Almeida. (Orgs.). *Dez leituras sobre o léxico*. Salvador: EDUNEB, 2019, p. 173-201.

SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (Orgs.). *Linguística Cognitiva: redes do conhecimento d'aquém e d'além mar*. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 345-378.

SOLEDADE, J. *Semântica morfolexical*: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico. 2005. 575 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2005.

ULLMANN, S. *Semântica*: uma introdução à ciência do significado. Tradução de J. A. Osório Mateus. 5.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VIARO, M. E. *A derivação sufixal do português*: elementos para uma investigação semântico-histórica. 2011. 220f. Tese (Livre-docência). Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, Universidade de São Paulo, 2011.

VILELA, M. Estudos de lexicologia do português. Coimbra: Almedina, 1994.

WHITE, J. T. *Latin suffixes*. London: Longmans, Green & Co, 1858.

WIKIPEDIA. *Lista de gentílicos de Portugal*. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_gent%C3%ADlicos_de_Portugal. Acesso em 28 de janeiro de 2022.

ZINGARELLI, N. Lo *Zingarelli 2008*: Vocabolario della lingua italiana. Bologna: Zanichelli, 2007.

Recebido em: 08/12/2025

Aprovado em: 29/12/2025

Publicado em: 08/01/2026